

Os Fenômenos de Telestesia



(Telepatia)



Ernesto Bozzano

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ernesto Bozzano

**Os Fenômenos de Telestesia
(Telepatia)**

Título Original em Italiano

Ernesto Bozzano - Dei fenomeni di Telestesia

Casa Editrice Luce e Ombra

Roma (1920)



Caspar David Friedrich - Nascer da lua sobre o mar



Conteúdo resumido

Nesta obra Bozzano analisa as diferentes modalidades dos fenômenos telestésicos (telepatia), incluindo-os na clarividência e procurando desvendar-lhes os enigmas.

Os Fenômenos de Telestesia [telepatia = do grego tèle + pat- + -ia] são a transferência de pensamentos e emoções de pessoa para pessoa, sem o emprego dos sentidos conhecidos. Kardec usou a expressão telegrafia humana, significando a comunicação à distância entre duas pessoas vivas, que se evocam reciprocamente. Esta evocação provoca a emancipação da alma, ou do

Espírito encarnado, que vem se manifestar e pode comunicar seu pensamento pela escrita ou por qualquer outro meio.

Sumário

Os Fenômenos de Telestesia	2
Conclusões.....	63

Os Fenômenos de Telestesia

No Glossário que precede a obra principal de Fredrich Myers, a significação do vocábulo *Telestesia* vem assim definida: *Percepção à distância, implicando uma sensação ou visualização direta de coisas ou condições, independentemente de qualquer veículo sensorial conhecido, e em circunstâncias que excluem a presunção de serem as noções adquiridas originárias de mentalidade estranha à do percipiente.*

A seu turno, o professor Charles Richet deu uma definição análoga, nos seguintes termos: *Conhecimento que tem o indivíduo de qualquer fenômeno não perceptível nem cognoscível pelos sentidos normais, e estranhos a toda e qualquer transmissão mental, consciente ou inconsciente.*

Fica, assim, bem entendido que, antes de classificar entre os fenômenos telestésicos um caso de clarividência, é preciso indagar se ele se pode esclarecer por meio de modalidades outras, mediante as quais se verificam os fenômenos telepáticos e também, às vezes, os de *criptomnesia*, como, por exemplo nos de objetos perdidos, graças a um sonho revelador.

Segue-se daí que, aplicando essa regra às manifestações da clarividência em geral, verificamos poderem ser os fenômenos presumidos de *visão ou percepção supranormal* reduzidos à transmissão ou leitura de pensamento e, em parte, a fenômenos de *criptomnesia*.

É indubitável.

Sobretudo, nos casos em que a lucidez é adquirida por intermédio de pessoas presentes ou de objetos entregues aos sensitivos (psicometria), pertencentes a pessoas distantes, porém vivas, a presunção da leitura ou transmissão do pensamento parece fundada, as mais das vezes.

Nesses casos, efetivamente, não se obtém apenas visualizações de objetos ou ambientes distantes, mas também percepções do temperamento, do caráter, do estado emocional, afetivo, mental das pessoas ausentes.

Raramente as imagens do sensitivo se reportam ao presente; antes, o que abrolha é o passado e por vezes o futuro, todas aquelas condições e circunstâncias diretamente imperceptíveis à vista comum, e mesmo indiretamente pelo cérebro e pelos centros ópticos.

Daí resulta que, no limite das manifestações em apreço, essas circunstâncias resolvem o problema a prol da *leitura ou transmissão do pensamento subconsciente*.

Ao demais, isso não obsta a que os fenômenos de *telestesia* possam eventualmente produzir-se em paralelo aos de *clarividência telepática*, como atestam e provam outras modalidades de fatos nos quais já não se trata de pessoas capazes de serem psicometradas à distância, mas da visualização direta de objetos ou meios independentes de qualquer percepção telepática do pensamento subconsciente de um terceiro.

Cumprir notar, todavia, que, mesmo no caso dos fenômenos de *telestesia*, tudo contribui para provar que não se trata de visão propriamente dita, nem mesmo visão indireta com o concurso dos centros ópticos, mas, sim, de visualizações alucinatórias verídicas (a que o professor Hyslop chamaria imagens pictográficas transmitidas pela personalidade subconsciente (e excepcionalmente por entidades desencarnadas), a fim de informar a personalidade consciente daquilo que lhe interessa).

Restaria, pois, resolver o árduo problema do recurso empregado por essa personalidade subconsciente, no intuito de entrar em relação com o objeto ou ambiente distantes, de feição a percebê-los, a conhecê-los ou a documentar-se a seu respeito.

Mais adiante voltarei a esse ponto tão importante, já que para o momento o que importa é enunciar elementos outros de análise, esperando que a narrativa dos episódios nos ofereça, sucessivamente, essa oportunidade.

Isto posto, entro logo a fundo no assunto a versar.

*

Antes de tudo, importa considerar algumas categorias de fenômenos, que apresentam afinidades de origem com os fenômenos da telestesia. Lembrarei, em primeiro lugar, os fenômenos de *rabdomancia* (descoberta de fontes subterrâneas por meio da “vara divinatória”) e os da hipersensibilidade anormal em certas “fobias especializadas”, nas quais o sensitivo experimenta horror insuportável por tal ou tal inseto, ou qualquer outro animal, a ponto de o perceber oculto e lhe pressentir a proximidade.

Omitirei aqui as experiências de *rabdomancia*, porque todos as conhecem, e me limitarei a contar um caso de *fobia especial*.

1º Caso

– Respigado de *Light* (1914, pág. 155).

Conta um médico que, achando-se na província, teve ocasião de conhecer um cavalheiro, o qual lhe confessou que a mulher era sensível à vista de uma aranha, a ponto de lhe perceber, ou antes, adivinhar a aproximação; e quando isso sucedia ela enfermava, experimentava náuseas, um esgotamento geral que chegava até à síncope.

Tais sintomas desapareciam, entretanto, logo que descobriam e matavam a aranha.

A ele não lhe tardou o ensejo de verificar por si mesmo o curioso fato, que assim relata:

“O novo cliente veio alta noite solicitar meu auxílio para a esposa, que adoecera subitamente.

E acrescentava: – “ela teima em afirmar que há uma aranha no quarto, mas eu nada pude descobrir”.

Parti imediatamente e fui encontrar a referida senhora num estado de depressão nervosa deveras inquietante, de modo a presumir-se um possível desmaio.

Pálida, pulso quase imperceptível, a respiração dificultosa e curta.

Disse-me que se sentia muito mal e estava convicta de haver uma aranha ali na alcova.

Diante daquela insistência, julguei-me no dever de secundar o marido e entramos logo a esmerilhar todos os recantos e frestas, no propósito de acalmar a enferma, apenas, pois convencidos estávamos ambos de que aquilo não passava de cisma.

De fato, nada encontramos e já nos dispúnhamos a renunciar a uma pesquisa tão ridícula, quando a enferma confessou que a sua “impressão” era de que a aranha estava no cabide.

Esquadrinhamos, então, minuciosamente esse móvel, mas debalde! E ficamos persuadidos de que a paciente estava abusando da nossa boa-vontade e diligência.

Foi nessa altura que tive a idéia de suspender o cabide da simalha ornamental e, tanto que o fiz, uma grande aranha preta surgiu a correr sobre as roupas, na direção de um buraco da parede, onde sumiu.

Entreolhamo-nos, então, surpresos, fazendo eu um sinal ao marido para que nada dissesse da ocorrência.

Não obstante, a doente acabava de dar um grande suspiro de alívio, dizendo: – “até que enfim, achastes!”

A nossa precaução fora inútil, o sexto sentido da paciente não a iludira.

Meia hora depois ela readquiria o seu estado normal e, tanto que lhe garantimos o tapamento do buraco, readormeceu tranqüilamente.”

Tais as curiosas modalidades com que se têm reproduzido certas *fobias especializadas* e que manifestam, na aparência, uma

certa afinidade de origem com os fenômenos da telestesia propriamente dita.

Contudo, convém não nos precipitarmos na sua identificação.

E o mesmo devemos fazer com os casos de *rabdomancia*.

De fato, analisando as circunstâncias, constatamos uma diferença marcante entre as modalidades desta espécie de fenômenos.

Nas *fobias especializadas* o sensitivo percebe exclusivamente a presença de uma aranha ou de um gato, mas não pode determinar-lhe a espécie, a cor, a forma; o que demonstra não se tratar, absolutamente, de visualização.

Na *rabdomancia*, igualmente, ele percebe apenas a existência da água subterrânea.

Na *telestesia*, pelo contrário, o clarividente especifica e descreve minuciosamente o objeto visualizado.

Assim, se se trata de uma carta, lê o conteúdo.

Portanto, no primeiro caso bastaria admitir que o sensitivo perceba apenas os eflúvios vitais do animal, para termos a explicação dos fatos, e nos casos de *rabdomancia*, que perceba as emanções da água.

Mas na *telestesia*, tratando-se de visões detalhadas, de conhecimentos precisos ou de esclarecimentos verídicos sobre objeto imperceptível aos olhos do corpo, achamo-nos em face de uma situação radicalmente diversa, e certamente inexplicável pela hipótese dos eflúvios vitais, ou das emanções de um líquido.

E somos, então, levados a concluir que não há entre as duas ordens de fatos uma identidade de origem, mas somente uma analogia aparente.

Nessas condições, se eliminarmos as categorias de fenômenos supra-referidos, os que demonstram afinidade real de origem com a telestesia são os chamados fenômenos de *aloscopia* (visão macroscópica e microscópica no interior dos corpos).

Mas, de qualquer forma, também não me deterei muito nesses fenômenos, porque, ainda que tudo nos leve a crer sejam eles efetivamente de natureza em parte telestésica, não podemos

excluir a possibilidade de jogar, a seu respeito, com a hipótese da leitura do pensamento subconsciente.

Limitar-me-ei, portanto, a citar um só exemplo de *aloscopia*, precedendo-o de algumas observações, no sentido que venho de indicar.

2º Caso

– Extraído da *Revista Científica e Moral do Espiritismo* (1900, pág. 358).

O Doutor Moutin conta o seguinte caso de sua observação pessoal:

“Há três anos enferma, a Sra. G... definhava de dia para dia.

No mês de maio último, o seu mal se agravou a ponto de ser chamado um dos grandes médicos de nossos hospitais.

O mestre diagnosticou uma tuberculose generalizada e prescreveu regime e medicação adequados.

Passado ainda um mês e malgrado duas visitas do mesmo professor, piorando a enferma, foi a meu conselho chamado outro médico.

Este fez outro diagnóstico, outras prescrições, que, por sua vez, nada adiantaram.

E todos nós esperávamos o desenlace a cada instante.

Por minha vez, tive a lembrança de consultar o Sr. Alfredo Muni, utilizando uma mecha de cabelos da enferma, sem que ela ou alguém de tal soubesse, e no só intuito de satisfazer minha curiosidade.

Diante do vidente, depois do “exame sonambúlico”, que durou alguns minutos, disse ele:

“Pode-se dizer que essa senhora não está enferma, muito embora esteja preste a finir-se...”

A continuar assim tratada por tantos médicos, a ingerir quantos remédios lhe receitam, não viverá mais de três meses...

Ela tem *qualquer coisa no ventre*, coisa que não vejo bem o que seja, mas dêem-lhe purgativos enérgicos e terão revelado a causa do mal.”

Segui, com prudência, o conselho. A enferma estava debilitada pesava apenas 64 libras (29 quilos) e era de estatura pouco acima da mediana.

Mas tive, efetivamente, a chave do enigma: *tratava-se de solitária, de uma legítima tênia!*

Hoje, essa moribunda desfruta perfeita saúde, tendo recuperado a alegria e o bem-estar.

Ao leitor deixo o cuidado de tirar as conclusões e direi apenas que deploro não sejam semelhantes casos estudados como merecem.”

As publicações dos antigos magnetólogos, tanto quanto as dos pesquisadores contemporâneos, estão repletas de casos desse gênero.

Assim, tem o Doutor Moutin toda a razão em deplorar que lhes não prestem maior consideração, a bem da humanidade sofredora.

Do ponto de vista da hipótese telestésica, esse caso não apresenta grande valor probante.

Poderíamos também explicá-lo supondo que o sonâmbulo haurisse na subconsciência da enferma os esclarecimentos fornecidos, pois de fato não se poderia negar categoricamente que o subconsciente da enferma conhecesse a existência da tênia nos seus intestinos.

*

Depois dessa categoria de fenômenos, apresenta-se, em ordem progressiva, um grupo experimental de pesquisas a que mais precisamente conviria denominar *visão através dos corpos opacos*, de vez que abrange a leitura de invólucros lacrados, de livros fechados, sem esquecermos as célebres partidas de *écarté* jogadas com cartas cobertas, pelo famoso sonâmbulo Aléxis Didier, e atestadas por numerosos experimentadores, inclusive o famigerado prestidigitador Robert Houdin.

Seja como for, não me deterei a relatar exemplos de “leitura de invólucros lacrados”, visto não ser possível evitar a objeção de que o invólucro atua psicometricamente, colocando o sensitivo em relação com a pessoa distante que o manipulou e, por conseguinte, que a leitura do conteúdo se reduz a fenômeno de clarividência telepática. De resto, a objeção parece ter fundamento, se bem que isso não signifique, absolutamente, que todas as experiências similares devam ser necessariamente interpretadas em sentido telepático.

Possível mesmo é que assim não seja, mas a hipótese telepática sempre fica, para neutralizar o valor de tais experiências, desde que as queiramos considerar como prova da realidade telestésica.

O que demonstra que a telestesia pode muitas vezes constituir a melhor explicação dos fatos é o exame dos próprios erros e falhas de interpretação em que incidem os sensitivos, erros e falhas que mal se ajustam à explicação telepática, tanto quanto irresistivelmente sugerem a telestésica.

Assim, nas conhecidíssimas experiências do Doutor Ferroul (*Annales des Sciences Psychiques*, 1896, pág. 193, e 1897, pág. 321), a sonâmbula leu, correntemente, o conteúdo do invólucro fechado, mas incidiu num leve engano, assaz significativo: – aos cantos do papel estavam escritas às letras *A, B, C, D*, e a sonâmbula não viu a letra *A* e repetiu: – *D. 2. C.*

Ora, a verdade é que a letra *A* se encontrava coberta por duas obreias coladas à dobra do papel (a sonâmbula declarara que as obreias e o barbante lhe interceptavam a vista); e o *B*, invertido, assemelhava-se perfeitamente ao algarismo 2.

No curso de outra experiência, a mesma sonâmbula leu corretamente o conteúdo do invólucro, exceto o endereço, declarando não poder fazê-lo por se achar coberto pelos barbantes.

E foi verificado que, de fato, duas ou três voltas de fio branco, sobre o envelope interior, ocultavam totalmente o sobrescrito.

Ora, incontestável é que os erros desta espécie tendem a demonstrar a realidade da visão telestésica, pois se se tratasse de

clarividência telepática, a sonâmbula teria podido ler na subconsciência dos assistentes as letras *A* e *B*, tanto quanto o endereço do envelope.

São circunstâncias estas que precisam ser consideradas.

Mas, de qualquer forma, não me ocuparei dessas experiências de “invólucros fechados”, limitando-me a examinar as que, com elas afins, não se compadecem com a objeção telepática, tais como as realizadas com livros fechados e “cartas de jogar”.

3º Caso

– Começarei pelo testemunho do célebre prestidigitador Houdin, concernente às experiências dele próprio, com o sonâmbulo Aléxis Didier.

Eis como a 16 de maio de 1847 se dirigia ele ao Marquês de Mirville:

“Conforme tive a honra de lhe comunicar, esperava uma segunda sessão, à qual assisti ontem, em casa de Marcillet e foi mais estupefaciente que a primeira, de modo a não me deixar qualquer dúvida quanto à lucidez de Aléxis.

Escusado é dizer que ali compareci de ânimo feito a vigiar aquela partida de *écarté*, que tanto me havia impressionado. Desta feita, tomei as minhas precauções, mais que da primeira, pois que, desconfiado de mim mesmo, fiz-me acompanhar de um amigo cujo temperamento calmo poderia apreciar tudo friamente e estabelecer um tal ou qual equilíbrio no meu julgamento.

Eis o que se passou e pelo que se verá se algum dia “sutilezas quaisquer” puderam produzir efeitos semelhantes aos que passo a citar.

Desembrulhei o baralho que comigo levava e cujo invólucro tive o cuidado de marcar, prevenindo a possibilidade de uma troca.

Embaralhei as cartas, visto caber-me o dá-las, e dei-as com todas as cautelas de um profissional experimentado na sua arte. Precauções inúteis! Aléxis me deteve e, designan-

do uma das cartas que eu acabava de lançar à mesa diante dele, disse:

- Tenho o rei.
- Como pode sabê-lo, se a outra carta ainda não saiu?
- Vê-lo-á, continue...

Efetivamente, tirei o oito de ouros e a carta dele era o rei do mesmo naipe!

Continuamos a jogar, de modo assaz estranho, dizendo-me ele de antemão as cartas a saírem, ainda que tendo eu o baralho oculto entre as mãos fechadas, e estas em baixo da mesa.

A cada carta minha, respondia ele com outra do seu jogo, sem virá-la, e que, afinal, correspondia sempre, perfeitamente, com a de minha jogada.

Voltei dessa sessão maravilhado e convencido de que *é absolutamente impossível que o acaso produza efeitos tão extraordinários...*” (Assinado: Robert Houdin, na obra de Mirville intitulada *Dos Espíritos e suas manifestações*, pág. 30).

Nessa experiência é evidente não quadrar a hipótese telepática, visto que não havia ali subconsciência humana, presente ou ausente, que pudesse conhecer o desdobramento do jogo e as cartas de R. Houdin.

4º Caso

– Neste segundo exemplo, as observações de natureza telestésica foram obtidas por meio da escrita automática, o que em nada altera a essência dos fatos.

O naturalista e biólogo russo Alexandre Wilkins, conta nos *Annales des Sciences Psychiques* (1892, página 185) algumas experiências de lucidez que ele mesmo realizou por meio da escrita automática, das quais respigo as passagens essenciais:

“Para fazer a experiência, tirei ao acaso uma carta e depositei-a sobre a mesa, de modo que ninguém pudesse vê-la e anular a prova mediante uma possível e involuntária su-

gestão mental. Depois, propus a um dos assistentes, a Sra. Zegwinoff, esposa de um Coronel residente em Tachkent e que possuía alguma prática de escrita automática, que revelasse a carta por esse processo.

A proposta foi aceita com hilaridade geral e eu próprio não estava longe de considerá-la, *a priori*, como absurda.

Todavia, completo foi o êxito, a carta foi exatamente designada. Daí por diante, repeti muitas vezes a experiência, variando-lhe os processos, como, por exemplo, fechando a carta num envelope, substituindo-a por uma palavra escrita, um desenho geométrico, etc.

E os resultados sempre foram mais ou menos completos.

Notadamente, tal como parece terem feito todos os pesquisadores desse gênero de fenômenos, constatei *dias favoráveis* e *dias desfavoráveis* para essas experiências.

A carta não era nunca nomeada em uma só palavra, imediatamente.

A operação demorava e somente à força de reiteradas perguntas vinha, fragmentariamente, a designação da carta.

Às vezes, a resposta vinha entrecortada de palavras inúteis e mais ou menos amáveis, traçadas pelo lápis.

Eis um exemplo:

- Que carta é essa?
- É uma figura.
- Que figura?
- Um barrete...
- Um valete, então?
- Procura tu mesmo e verás.
- E a cor?
- Vermelha...

A uma nova pergunta colimando resposta definitiva, o lápis respondeu traçando um losango.

Virou-se a carta e era efetivamente um valete de ouros...”

Aqui, o Doutor Wilkins arrisca uma hipótese toda sua, para explicar os fatos e diz:

“Pode-se concluir com segurança, cremos, que o organismo humano possui a faculdade de perceber por via telepática a impressão de objetos inanimados.

Nos casos aqui indicados, as vibrações moleculares, tendo por sede a face inferior da carta, foram transmitidas ao cérebro do experimentador.

Vibrações correspondentes produziram-se neste último, ou, por outros termos, o cérebro recebeu uma impressão, uma imagem da superfície inferior da carta, inacessível ao órgão visual.

Por que permanece inconsciente essa impressão?

Não saberíamos dizer, mas, certo um motivo, fraca intensidade talvez, impede-lhe penetrar os domínios do discernimento individual consciente, para ficar oculta nos mais vastos domínios do inconsciente.

E o indivíduo poderia passar a vida inteira a contemplar uma carta pelo reverso, a constatar-lhe a forma, sem se precaver que no seu cérebro reside uma imagem da outra face.

Falamos, bem entendido, de pessoas normais.

A intervenção de um ato inconsciente desvenda a realidade da existência dessa imagem.”

Essa teoria de Wilkins, puramente indutiva e gratuita, vale, em suma, tanto quanto as outras, na sua maioria.

Somente não haveria necessidade de chamar *visão telepática* ao que não comporta, absolutamente, esse termo, de sorte a gerar confusões teóricas deploráveis.

Com efeito, é preciso não esquecermos que o vocábulo *telepatia* serve exclusivamente para designar os fenômenos de *transmissão do pensamento à distância entre dois cérebros*, cujos fenômenos são suscetíveis de explicação teórica destacada e profundamente diferente da que se impõe para explicar o fenômeno de *relação* qualquer à distância, entre um *cérebro*

pensante e um *objeto inanimado*, ou seja, o que se convencionou chamar justamente *telestesia*.

A diferença entre as modalidades dos dois grupos de fenômenos é enorme, tal como já assinalei, de vez que nos leva a deduções teóricas divergentes e de capital importância.

Quanto à observação de Wilkins relativa à demora na indicação da carta e à fragmentação das respostas, em seguida e à mercê de reiteradas perguntas, notarei que esse processo é tão comum na fenomenologia em apreço, que pode ser considerado como de regra.

Conseqüentemente, não podemos deixar de perguntar: por quê?

Por isto: a maneira fugacíssima pela qual se apresentam ao sensitivo as imagens reveladoras permite supor que *o estado de relação clarividente* seja de extrema instabilidade, instantânea por assim dizer, e daí o esforço necessário do experimentador para restabelecer incessantemente esse *estado de relação*, por meio de insistentes perguntas, destinadas a estimular a subconsciência do sensitivo.

Citarei, a propósito, a seguinte observação do doutor Wiltre, relativa a uma sonâmbula que descobriu um cadáver no fundo de um pântano.

“Era-me preciso repetir continuamente as perguntas: Que vê? Nada vê? Está vendo o fundo? E se acontecia calar-me um instante, ela começava a ressonar profundamente.”
(*Proceedings of the S. P. R.*, vol. VII, pág. 77.)

5º Caso

– Neste outro caso de percepção telestésica de cartas encobertas, é preciso notar esta particularidade, de ser a personalidade mediúmica quem indicou corretamente as cinco cartas, mandando-as extrair de cinco baralhos e assim demonstrando-se capaz de guiar as mãos inconscientes dos operadores.

Esse fenômeno não constitui nenhuma novidade em metapsíquica, mas qualquer confirmação ulterior, que dele tenhamos, cresce de importância pelo valor teórico que poderia revestir

para a interpretação de algumas categorias de experiências supranormais, a partir da adivinhação por meio de cartas (cartomancia), e deixariam, então, de ser simples métodos empíricos destinados a provocar a hipnose favorável ao afloramento de faculdades subconscientes, para terminar nos grupos de fenômenos de precognição, tais como predição de números de sorteios lotéricos ou de situações individuais futuras.

Nesse caso, não se trataria mais de fenômenos de precognição no sentido estrito da palavra, mas de fenômenos telepaticamente determinados pela personalidade mediúnica, que de antemão os anuncia.

Posto que estas notações não se liguem ao tema de que aqui nos ocupamos, acreditei dever consigná-las pelo interesse que apresentam e por estar o incidente a que se referem ligado, combinado com um caso de telestesia.

Este caso eu o extraí dos *Annales des Sciences Psychiques* (1919, pág. 54) e faz parte de uma série de experiências organizadas em Bruxelas (1915), na residência do engenheiro Sr. Henri Poutet.

Eis o documento verbal da sessão de 15 de maio de 1915:

“Presentes: H. Poutet, Sra. P..., Maurice D..., Jane, Sim ..., Sra. S..., De Vader (convidado).

Salvo indicações em contrário, todas as operações são executadas de acordo com as instruções tiptológicas da entidade *Stasia*.

A Sra. P... toma um jogo de 52 cartas, as embaralha, parte e tira uma carta de todos ignorada, para depositá-la debaixo de uma estatueta.

Trata-se de adivinhar essa carta.

Maurice D..., médium, diz a De Vader que tome de um outro baralho e, depois de o entrançar, deposite-o em cima da mesa.

Maurice toma do seu alfinete de gravata, espeta-o rapidamente no baralho e pede ao convidado que tome, sem

procurar vê-la, a carta que se acha no fundo, fazendo-a passar depois pela outra, debaixo da estatueta.

Chamam a essa operação *pignage*.¹

A Maurice D... incumbe proceder à operação chamada do *pêndulo*. Para isso, o convidado toma de um *terceiro* baralho, que entremeia à vontade, e espera.

Maurice D... tira do relógio e segura a corrente pelo polegar e indicador, de modo a constituir um pêndulo oscilante, à superfície da mesa e na altura de um centímetro.

O convidado toma, então, do baralho por ele baralhado e vai fazendo passar carta por carta debaixo do relógio do médium, mas sem virar a carta e, portanto, sem que alguém possa vê-la. Quando chegou à duodécima carta, o braço que mantinha o pêndulo contraiu-se, o relógio agitou-se e oscilou violentamente. Disse o médium que era preciso retirar aquela carta e colocá-la debaixo da estatueta, com as outras duas lá anteriormente depositadas, mas, bem entendido, sem procurar vê-la.

Stasia pede, em seguida, que Maurice D... e Sim... procedam à operação chamada “eliminatória”, que consiste em arrumar as cartas dos baralhos, em dois pacotes, para ir descobrindo-as depois, sucessiva e simultaneamente, eliminando as do mesmo valor, à medida que se vão apresentando.

Assim fazem os dois assistentes indigitados e a eliminação acaba por deixar uma carta desconhecida para cada um dos operadores.

Essas duas cartas são as que passaram por baixo da estatueta.

H. Poutet diz para *Stasia*: “quererás explicar-nos o que pretendes obter?”

Ao que ela responde: “sim, que Maurice escreva.”

Este, por sua vez, toma o caderno de notas, assenta a pena no papel e, depois de traçar alguns rabiscos informes, escreve automaticamente: “*Ás de Ouros...*”

Stasia em seguida: “procurem ver o que está debaixo da estatueta...”

De Vader, o convidado, algo céptico, apressa-se a retirar todas as cartas passadas sob a estatueta, resultantes das sucessivas e diversas operações executadas com cinco baralhos diferentes.

Sua fisionomia incrédula se desfez para logo em atitudes de pasmo e sobressalto cômicos, pois todas as cartas viradas eram *Ases de Ouros*.”

Nessa narrativa, o fenômeno de percepção telestésica é de tal modo nítido e incontestado que dispensa comentários.

Apenas de extraordinariamente notável é que ele se reproduzisse cinco vezes consecutivas, sem incertezas nem falhas.

Relativamente aos quatro métodos pelos quais foram retiradas as cartas dos cinco pacotes, importa assinalar, especialmente, a operação chamada “eliminatória” por causa da duração da *relação telestésica*.

A esse respeito, diz o Sr. Henri Poutet:

“Efetivamente, salta aos olhos que os dois operadores Maurice D... e Sim..., sob uma falsa aparência de livre-arbítrio na escolha do número de pacotes e de cartas que os compõem, não passam de *instrumentos* nas mãos de um poderoso X, que vê, continuamente, e por todo o tempo da operação, as cartas *remanescentes*, e age constantemente com precisão desconcertante, sobre o sistema muscular dos operadores, para obrigá-los a *nunca* juntar as cartas remanescentes e correspondentes à carta colimada.”

6º Caso

– No caso a seguir-se, publicado por *Light* (1904, pág. 233), trata-se de um documento extraviado e depois encontrado por intermédio de um clarividente.

Mas, do ponto de vista formal das manifestações, não difere muito dos precedentes.

O documento referia-se a vastos domínios rurais de um tal William R. Edgerby, e Cilley, advogado do mesmo, tinha estado em S. Paulo (Minnesota) a fim de o pesquisar, sem conseguir encontrá-lo.

Exposta a situação, continua o narrador:

“Decorridos alguns dias, o advogado Cilley voltou a S. Paulo acompanhado de um clarividente, que aparentava ter uns cinquenta anos de idade.

Esse clarividente foi conduzido aos “Arquivos Oficiais” e lhe deram o número do documento extraviado, bem como o resumo do seu conteúdo.

Esse número era 86.575, mas o advogado por descuido escreveu 85.575.

Tendo em mente este número, o clarividente iniciou o trabalho caindo num como transe sonambúlico, tornando-se muito nervoso. Depois de correr os arquivos de ponta a ponta, aproximou-se do advogado para dizer que ele, advogado, cometera um erro, mas sem o especificar.

Cilley começou negando, mas o sensitivo insistiu, categórico, e assim acabaram por verificar o erro de numeração.

Retificado ele, o clarividente, de olhar extremamente carregado recomeçou a sua tarefa, percorrendo a passos rápidos e agitados, em todos os sentidos, as divisões do Arquivo, que retinham mais de 90.000 documentos perfeitamente idênticos ao colimado.

Depois de algum tempo, murmurou: “Não, não está aqui; está mais acima...” e retomou logo a caminhada de vaivém, com uma das mãos erguida e apontada para os arquivos.

De repente, estacou. Levantou o braço à maior altura possível, tirou um maço de papéis da prateleira e, dirigindo-se aos presentes em tom de absoluta certeza, disse: “Aí tem o documento que procuram.”

O Diretor do Arquivo, Major Robinson, rodeado dos seus auxiliares, para logo descreu das faculdades clarividentes

do homem, visto que o pacote assinalado tinha o número 46.133.

– Há engano, não pode ser – exclamou um dos funcionários...

Mas o clarividente abriu o pacote e, no meio de outros muitos papéis concernentes a um processo de divórcio, encontrou o documento desejado.

E com gesto de perfeita serenidade, como se nada de extraordinário houvesse acontecido, entregou-o a Cilley, sem nada dizer das suas faculdades supranormais.

Houve quem aludisse à *telepatia mental*, mas logo reconheceram a improcedência da hipótese, de vez que ali ninguém sabia onde se encontrava o documento.

E assim, muita razão teve o Diretor ao exclamar: “*Eis aí um dos fatos mais extraordinários que tenho presenciado na minha vida.*”

Havia nos arquivos 100.000 pacotes de documentos legais e, sem a intervenção do clarividente, não resta dúvida, aquele papel se consideraria perdido, achando-se, como se achava, entranhado num processo liquidado e classificado, que ninguém se lembraria jamais de consultar.

Ao advogado Cilley perguntaram como tivera a idéia de recorrer àquele homem e ele respondeu que, momentos antes, esse mesmo sensitivo lhe havia predito que o filho enfermo não morreria, posto que os médicos o tivessem desenganado.

Ao demais, conhecia-lhe outro êxito e foi por isso que resolveu utilizar-se das suas faculdades para descobrir o documento:”

Nessa narrativa deparamos com um pormenor assaz enigmático, qual o de o sensitivo perceber que o número fornecido não correspondia ao documento extraviado.

E como o incidente se deu depois de haver o sensitivo percorrido de ponta a ponta os arquivos, a única explicação plausível

consistiria em supor que, ao passar junto do pacote n° 85.575, houvesse percebido *não se conter nele* o documento rebuscado.

Nesse caso, o incidente também seria nitidamente telestésico.

Demais, mesmo no que toca à descoberta, nota-se detalhe de molde a nos fazer crer que a orientação telestésica se verificou de forma análoga.

É assim que exclama o clarividente: “não, não está aí, está mais acima”, o que demonstra, à saciedade, haver ele percebido à distância a existência do documento, localizando-o mais acima, tanto quanto percebera a sua *não existência no pacote n° 85.575*.

7º e 8º Casos

– Vindo a propósito expor alguns exemplos de *leitura a olhos fechados*, é justo dar preferência às experiências feitas com Aléxis Didier, sonâmbulo justamente célebre, do qual já falamos nesta obra.

Começarei pela seguinte passagem do *Memorial* de M. Mirville, concernente às sessões organizadas por ele, com Robert Houdin.

“R. Houdin, depois de retirar do sonâmbulo as vendas inúteis, tirou do bolso um livro e pediu-lhe que lesse determinado trecho da oitava página.

Aléxis picotou com um alfinete dois terços da página e leu: “Depois dessa triste cerimônia...”

– Basta – disse Houdin –. Vejamos...

Nada de semelhante se encontrava na oitava página, mas na página seguinte e na mesma altura, lê-se: “Depois dessa triste cerimônia...”

– Não é preciso mais, exclamou Houdin; que prodígio!”
(De Mirville, ob. cit., pág. 24.)

Agora um segundo exemplo, tomado ao *Memorial* de Alphonse Karr, o célebre escritor francês:

“Alguém pediu um livro de entre os trintas que se encontravam ali na sala. Retiraram-se as vendas de Aléxis e apre-

sentaram-lhe uns livros abertos. Ele perguntou qual a página que deveria ler.

O livro estava aberto na página 139, ele respondeu: “Vejo na página 145, neste ponto (indicando dois terços da página), em caracteres itálicos: *Os mistérios de Paris.*”

Recomeçamos a prova com outro volume, pedimos ao sonâmbulo que lesse a décima página, a contar da que ele tinha à vista. As palavras inculcadas por Aléxis não estavam na página indicada e ele esclareceu: “Neste caso fui além, pois certo estou de as haver lido.”

E de fato, essas palavras se encontravam quatro ou cinco páginas além.” (Henri Delage – *O sono magnético explicado pelo sonâmbulo Aléxis*, pág. 138.)

É curioso assinalar que em três experiências Aléxis se enganou duas vezes na página.

É uma coincidência que em nada prejudica a significação telestésica dos fatos, mas pode constituir elemento não desprezível para a investigação das causas.

9º Caso

– Estes seguintes episódios foram obtidos por processos mediúnicos.

Eis os termos em que ao Diretor da revista *Light* se dirige o Sr. F. H. Worsley-Beninson (Newton Lodge, Chepstow):

“Os dois seguintes incidentes parecem-me pouco comuns e poderiam, como tais, interessar aos seus leitores.

Há alguns anos, experimentando com a mesa girante, escrevi um nome num pedaço de papel, fechei-o na mão e pedi ao amigo, assentado na outra extremidade do velador, que me dissesse o referido nome.

A mesa logo se movimentou e soletrou exatamente esse nome. Escrevi, então, dois outros nomes, que foram do mesmo modo decifrados.

São resultados, esses, que se podem explicar pela telepatia e não aludo a eles senão a título de introdução para este

segundo incidente, que a telepatia não pode explicar. Quando vi que a mesa respondia com exatidão às minhas perguntas, tomei de um livro e, *sem o abrir*, meti-lhe um dedo entre as páginas e pedi me indicasse o número da página em que mantinha o dedo.

A mesa bateu 172 pancadas nítidas e lentas.

Abri o livro e verifiquei que o dedo estava entre as páginas 172 e 173!

De outra feita em que se achava presente um dignitário da Igreja, meu amigo, repetimos a mesma experiência com absoluto êxito.

As únicas diferenças na produção dos fatos foram estas: que a resposta foi dada por meio de *raps* (pancadas internas na madeira); em vez de pancadas batidas pelo pé da mesa (tiptologia), e também o modo pelo qual foi ditado o número requerido.

Começarei por dizer que, transcorridos alguns anos sobre essas experiências, o amigo já se não recorda do número adivinhado, e assim, para clareza da exposição, tomarei qualquer número, seja 254.

Inútil dizer que essa substituição em nada diminui o valor da experiência, cujo resultado foi tão completo quanto o da precedente, com a garantia de exatidão do número 172, jamais por mim esquecido.

O referido amigo achava-se assentado à mesa, o eclesiástico introduziu uma folha de papel num livro fechado e perguntou o número da página atingida.

Duas pancadas bateu a mesa.

Perguntamos: – Pronto?

Resposta: – Não.

Pergunta: – Neste caso, queira prosseguir... (seguiram-se cinco pancadas.)

P. – Devemos esperar ainda?

R. – Sim.

P. – Continue, pois.

R. – (4 pancadas.)

P. – Pronto?

R. – Sim.

Aberto o livro pela folha nele intercalada, verificamos as páginas 254 e 255.

Declaro que os fatos aqui são simples e escrupulosamente descritos tal como se realizaram.” (Assinado: *J. N. Worsley-Beninson.*)

10º Caso

– Este também se desenrola graças a um processo mediúnico absolutamente análogo aos casos de *leitura em livros fechados*, obtidos pelo Rev. William Stainton Moses, e foi publicado pela primeira vez na *Revue Spirite*.

Reproduzido por Gabriel Delanne em sua obra *Recherches sur la Mediumnité* (pág. 331), esse autor acrescenta que o seu expoente é um professor de Filosofia, velho amigo da sua família.

Resumindo em poucas palavras a primeira parte da narrativa, direi que no decurso de algumas sessões mediúnicas com a *prancheta*, depois de obtidos vários diagnósticos exatos, bem como a predição verídica sobre a data da desencarnação de um enfermo, lembrou-se o professor de formular as seguintes propostas à *prancheta*:

“– Uma vez que a tua clarividência se exerce a distância e pode ler o pensamento em nossos cérebros, deverias, mormente, poder ler num livro fechado.

R. – Perfeitamente.

M. R. – Quererás, então, transcrever-nos a primeira linha da página 290 do mais grosso daqueles volumes?

(M. R. indicava um massudo alfarrábio do qual ignorava o próprio título e que jazia de mistura a outros, envoltos todos de espessa camada de pó, ao alto da última prateleira da biblioteca paterna.)

A cestinha traçou imediatamente esta linha: *em testemunho, ele Cardeal, do que lhe haviam dito...*

M. R. teve de socorrer-se de uma escada para atingir o alfarrábio, que se verificou ser um Mainbourg: *História da Liga*.

Feita a verificação, a linha inculcada fora textualmente reproduzida, respondendo desse modo ao desafio de M. de Gasparin, no seu livro sobre as mesas girantes.”

E inútil discutir a gênese provável desses dois últimos episódios, isto é, se devemos atribuí-los a faculdades telestésicas, subconscientes, dos sensitivos, ou antes considerá-los de origem espírita.

As modalidades mediúnicas, pelas quais se manifestam, não são de natureza a dar-nos a chave da questão.

Difícil mesmo seria apresentar qualquer prova em abono do enigma da origem espírita.

Limitar-me-ei, portanto, a recordar que todo fenômeno *anímico* pode ser encarado como espírico, em circunstâncias especiais.

Em compensação, todo fenômeno realmente espírico pode ser julgado de origem subconsciente, ou anímica.

Nem pode parecer ilógica essa observação, se imaginarmos que entre o espírito encarnado e o desencarnado apenas existe uma diferença inerente à mudança de estado.

E assim, existindo na subconsciência humana, em estado latente, faculdades supranormais, com mais forte razão devem elas persistir e revelar-se no estado de desencarnação.

Natural, portanto, que os fenômenos telestésicos tenham, eventualmente, uma origem espírica.

Mais ao diante, citaremos alguns episódios que farão pender o nosso conceito para esta última hipótese.

De nosso ponto de vista, porém, basta assinalar que a importância dos fenômenos telestésicos não se altera, quer provenham eles exclusivamente da subconsciência dos sensitivos, quer a esta sejam estranhos em parte.

Isto porque o nosso fito único nesta obra é demonstrar a realidade dos fenômenos.

*

Falaremos agora dos fenômenos de telestesia que se prendem a pessoas mais ou menos distantes do local em que se encontra o sensitivo. E ainda uma vez declaro que me não ocuparei dos inumeráveis episódios dos quais a visualização incide em pessoas, objetos ou condições ambientes conhecidos das pessoas presentes ou ausentes, de vez que, nestas circunstâncias, não seria possível eliminar a objeção telepática com a leitura relativa, nas subconsciências alheias.

Insisto mesmo em que essa objeção não é puramente teórica, mas, ao contrário, incontestavelmente fundada.

Entretanto, direi logo que a admissão do fato não significa, absolutamente, que os episódios sejam necessariamente telepáticos.

Significa, ao invés, que tudo contribui para fazer crer que em dadas circunstâncias defrontamos incidentes telepáticos e telestésicos entremeados.

Por igual o demonstram os erros de interpretação em que incidem às vezes os sensitivos, erros que mal concordam com a hipótese telepática, ao passo que sugere de maneira irresistível a hipótese telestésica.

Assim, por exemplo, o episódio contado pelo Doutor Beaunis, no qual a sonâmbula descreveu uma senhora conhecida do mesmo, com pormenores muito exatos do ambiente em que ela se achava na ocasião (ambiente desconhecido de Beaunis), mas enganando-se estranhamente quanto a um detalhe bem conhecido do referido doutor.

A senhora tinha diversos filhos pequenos e a sonâmbula afirmou que ela não tinha filhos, por isso que os não via.

Mas, o grande caso é que a senhora se encontrava em casa de uma irmã (o meio descrito pela sonâmbula) e *onde efetivamente não havia crianças*. (*Annales des Sciences Psychiques*, 1914, págs. 35-36.)

Como explicar pela leitura do subconsciente daquela senhora o erro aparente da sonâmbula?

É evidente que, se esta se pusesse em relação com a subconsciência daquela, não deixaria de apreender que ela era mãe de diversos filhos.

Assim, de manifesto fica que os erros dessa espécie tendem a provar que, mesmo nos casos de visualizações de pessoas, coisas e ambientes conhecidos de presentes e ausentes, não podemos excluir a possibilidade de realização esporádica de episódios telestésicos, misturados aos de ordem telepática.

Por vezes, a origem telestésica dos primeiros leva a crer sejam os outros igualmente telestésicos, malgrado as aparências.

Dito isso no intuito de perfeita correção no conceituar os fatos, não mais me ocuparei ulteriormente do rico grupo de episódios que ocorrem nas condições aqui apontadas.

11º Caso

– Nesta exposição começarei ainda pelo sonâmbulo Aléxis Didier, cujas experiências de lucidez constituem um repositório de fatos bastante diversos, tanto quanto altamente instrutivos e significativos.

Conta-nos Henri Delaage o seguinte:

“O Sr. Vivant, antigo negociante residente à rua Vitória nº 14, foi à casa do magnetizador Marcillet, para ali consultar o sonâmbulo Aléxis.

– Poderia você dizer-me, Aléxis, o motivo da minha visita?

– Trata-se de uma perda que o senhor supõe ter sofrido.

– Efetivamente! E poderia dizer-me a natureza dessa perda?

– Trata-se de 4 notas de 1.000 francos cada uma, que o senhor guardou e não encontra em sua secretária.

– É exato.

– Dê me a sua carteira, pois uma vez que essas notas nela estiveram algum tempo, ser-me-á mais fácil reencontrá-las, tateando a carteira.

De posse da carteira, disse-lhe o sonâmbulo que os 4.000 francos em causa lhe provieram de um amigo que lhos confiara para a compra de títulos de renda, o que também era verdade. Em seguida, descreveu o domicílio do interlocutor, chegando até a dizer-lhe o nome e o endereço.

Maravilhado de tanta lucidez, pediu-lhe o Sr. Vivant que prosseguisse.

– Bem que o desejo, respondeu-lhe Aléxis, mas com a condição de retirar a queixa que deu ao comissariado da Polícia, queixa que, asseguro, antes lhe cabe ao senhor mesmo, de vez que as notas não voaram lá da sua secretária!

De regresso a casa, o Sr. Vivant revolveu todos os papéis e os arrumou de novo, um por um, sem que aparecessem os 4.000 francos.

Novamente procurou o sonâmbulo e este se mostrou admirado do insucesso, chegando a acusá-lo de não haver suficientemente pesquisado.

Mas, de repente, reflete e diz: – espere um pouco... eu pensava que o senhor poderia ver como eu vejo, mas isto não pode ser... Sua secretária, como sabe, é um móvel muito antigo, no qual, com o tempo, se formaram algumas fendas; é em uma dessas fendas que estão as notas. Volte, procure em todas as fendas e de antemão lhe garanto o resultado.

Posto que as novas indicações de Aléxis lhe parecessem pouco concludentes, o Sr. Vivant não deixou de esquadriñar minuciosamente a secretária, reconhecendo que a madeira havia rachado em várias partes.

Munido, então, de um arame, sondou todas as gretas e acabou retirando de uma delas as suas 4 notas de 1.000 francos!...” (Henri Delaage: *O sono magnético explicado pelo sonâmbulo Aléxis*, pág. 154.)

Nesse primeiro exemplo, o único incidente militante em prol da telestesia é, naturalmente, o da visão por parte do sonâmbulo, do esconderijo anormal em que caíram as notas e cuja existência ninguém, inclusive o Sr. Vivant, conhecia.

Parece-nos, assim, impossível contestar a origem telestésica do fato.

Do ponto de vista teórico, notarei uma frase de Aléxis bem significativa.

Diz ele ao consciente: “– Dê-me a carteira que aí tem, visto que, tendo ela guardado as notas por algum tempo, ser-me-á mais fácil, tateando-a, encontrar as notas.”

É como vemos, uma incursão no verdadeiro e legítimo campo da psicometria.

Seria preciso inferir daí que os fenômenos de telestesia se produzem mercê do *estabelecimento de uma relação* da subconsciência do sensitivo com o objeto distante, da mesma forma que os fenômenos de psicometria se produzem mediante o *estabelecimento de uma relação* da subconsciência do sensitivo com a do indivíduo distante, dono do objeto psicometrado.

Nesta última circunstância tratar-se-ia, por conseguinte, da leitura de pensamento do subconsciente à distância; ao passo que na primeira haveria percepção direta do próprio objeto, o que não significa, contudo, que essa percepção se produza sob a forma de visão direta, por intermédio dos centros ópticos, visto que, como já o dissemos, tudo contribui para demonstrar que as visualizações, tais como se apresentam ao sensitivo, parece não passarem de imagens *pictográficas* de natureza aclaradora e transmitidas pelo *Eu* subconsciente ao consciente.

Aguardo-me para voltar a esse assunto na minha síntese conclusiva deste volume.

12º Caso

– Ocorrido igualmente com o sonâmbulo Aléxis, este episódio foi respigado da precitada obra de Henri Delaage, pág. 105.

“O Sr. Ferrand, negociante de quinquilharias em Antibes, tendo encontrado recentemente na sua estância uma moeda dos tempos de Roma, mandou-a aos seus correspondentes Deneux & Gronot, de Paris, comissários de brinquedos à rua Grand-Chateau, 18, pedindo-lhes que a levassem ao magnetizador Marcillet, a fim de ser ouvido o sonâmbulo Aléxis.

Este último, sonambulizado, disse ver em casa do Sr. Ferrand, em Antibes, um pequeno cofre enterrado a alguns pés no solo; que esse cofre continha grande quantidade de moedas iguais àquela; que, não obstante, precisava de uma planta do terreno a fim de melhor localizar o tesouro.

Enviada a planta, uma vez de posse dela, Aléxis assinou, a lápis, o sítio a ser escavado.

Seguidas as suas instruções, o cofre foi efetivamente encontrado...

Continha 3 1/2 quilos de moedas de prata, idênticas à que servira para a experiência.”

Aqui a ação telestésica ressalta evidente, indubitável, sem que lhe possam abalar os fundamentos com sutilezas teóricas.

De fato, se no caso precedente possível fora de qualquer modo imaginar pudesse a subconsciência do Sr. Vivant conhecer das fendas da sua secretária e, portanto, a possibilidade de nelas terem caído às notas, neste episódio de Antibes, muito pelo contrário, tais conjeturas não procedem, porque as circunstâncias da existência de um cofre enterrado e, sobretudo, a indicação exata do sítio em que se achava, não podiam constituir noções subconscientes do Sr. Ferrand e, bem assim, de qualquer pessoa encarnada.

Segue-se que a explicação telestésica se impõe acima de restrições quaisquer.

Notarei finalmente que, ainda desta feita, o fenômeno se realizou com o concurso da psicometria.

13º Caso

– Pois que vimos de nos ocupar de tesouros ocultos, citarei dois outros casos análogos.

O protagonista deste episódio é o afamado pintor Giovanni Segantini, ao qual já tive o ensejo de me referir na minha obra – *Os Fenômenos Premonitórios* –, tratando da visão detalhada que ele teve da sua morte e do seu enterro.

Tal episódio, adicionado a este, do período da sua infância, atesta que ele foi, realmente, dotado de preciosas faculdades videntes. Sua filha, Srta. Blanche Segantini, fala-nos, em obra bibliográfica, da infância trabalhosa do pintor e, depois de revelar o seu recolhimento à casa de um parente, quando adolescente, em Trento, acrescenta:

“Sempre que lhe permitiam deixar a loja, João se encaminhava para as colinas e lá, deitado na relva, imóvel, punha-se a fitar o céu, sonhador e ansioso de liberdade.

Um acontecimento que poderia ser havido por fabuloso veio, finalmente, completar-lhe o sonho.

Era seu intento regressar a Milão e tão intensamente o desejava que, certa noite, sonhou com um velho a dizer-lhe: “encontrará em tal sítio uma meia garrafa de moedas de ouro.”

Desperto, pela manhã, recordando o sonho, o menino desceu ao porão da casa, escavou no local indicado e lá encontrou a meia garrafa cheia de moedas antigas.

A sua alegria era demasiado grande para que guardasse segredo. Confidenciando o achado a um colega mais velho, logo este lhe propôs fugirem juntos para Milão.

Partiram. O companheiro, a pretexto de ser mais velho e experiente, pediu-lhe o dinheiro, que foi entregue voluntária e confiadamente.

Depois de caminharem algumas horas, cansaram; e o outro lhe propôs repousarem e dormirem um pouco.

João não tardou a adormecer, mas, ao acordar, não mais viu o companheiro e ficou atônito, sem saber o que fazer.

Dentro em pouco, ei-lo encafuado num celeiro e aí passando três dias e três noites que lhe pareceram eternos.

Ao quarto dia, já extenuado, arrastou-se para junto de uma abertura do assoalho e deixou cair dela alguns seixos e feno, no intuito de atrair a atenção.

Nessa altura, o acaso que faz possível o impossível, quis que o vaqueiro do estábulo percebesse o barulho insólito e ouvisse igualmente como que soluços.

Escalou o celeiro e lá encontrou o menino desfalecido.

Solícitos e longos cuidados restituíram-lhe a vida e a saúde, até que, reconduzido à casa do cunhado, foi por este levado para Milão.” (Citado em *Anais das Ciências Psíquicas*, 1912, pág. 224.)

Nesse episódio, o detalhe da aparição do velho constitui, possivelmente, uma representação onírica.

Tratar-se-ia, assim, de um fenômeno de telestesia em sono, provocada pelo vivo desejo de ir para Milão, onde pretendia iniciar a carreira artística.

Esse detalhe faria, além disso, conjecturar uma certa finalidade no sonho telestésico do menino, considerando-se que o objetivo foi alcançado, a despeito da perda do seu pequeno tesouro.

14º Caso

– Respigo do *Boletim da Sociedade de Estudos Psíquicos de Marselha* (1912, pág. 98), este aventureiro e extraordinário caso de tesouros ocultos.

A exposição é feita pelo próprio Presidente da Sociedade, Sr. A. Anastay.

Na ilha Mayotte do arquipélago das Comores (Canal de Moçambique), onde os indígenas não têm outro culto além do dos mortos, organizam eles, às vezes, sessões mediúnicas.

O Sr. Urbain, que aí residiu durante alguns anos, fez da região uma descrição interessantíssima ao Sr. Anastay, que logo se propôs redigi-la e publicá-la depois de revista pelo dito Sr. Urbain.

É dessa *Memória* que extraio a passagem seguinte:

“Há três anos, durante uma festividade em Mayotte, veio um Espírito fornecer detalhes precisos a respeito de certa quantia oculta por seu possuidor quando ainda encarnado, coisa que ninguém pudera saber.

Eis como se deu o fato: O indígena, avaro por índole, possuía um *boutre* árabe,² com o qual fazia o trabalho de travessia do canal de Madagascar e que costumava também alugar ao preço de 130 francos por viagem.

O *boutre* estava em mau estado, mas, sem embargo, graças a remendos consecutivos, continuava navegando, quando morreu o proprietário.

Este, supunha-se, havia forrado lucros da empresa; mas, como nas Comores não havia banqueiros e os nativos conservam o hábito de enterrar dinheiro aqui ou acolá (comumente junto de alguma árvore), não havia como tirar a contraprova.

Teve a família, contudo, a lembrança de se dirigir ao próprio morto, consultando um dos médiuns em transe.

O resultado foi um conselho à viúva, em nome do Espírito, para manter a empresa, associando-se a um parente também designado e mandando fosse, desde logo, consertado o *boutre*.

Entretanto, o mais curioso de tudo isso foi o modo pelo qual se indicou o esconderijo, a lembrar um tanto aquela história do escaravelho de Edgard Poe.

Dito foi à viúva que tirasse uma linha reta, a partir de dois pés, de uma cama que se achava na casa outrora habitada pelo falecido (pés mantidos, conforme o uso, por duas pedras fixadas no solo), que cavasse no centro dessa linha e lá encontraria o tesouro. De fato, assim fizeram e *o tesouro foi encontrado*.

Esse fato goza de notoriedade pública em Mamoutzou, lugar que tem como prefeito o Sr. Bartholo.

E a casa, como a viúva, ainda lá continuam a existir...”

O Sr. Urbain acrescenta que interrogou pessoalmente as pessoas envolvidas no caso, cuja autenticidade considera incontestável, conquanto não possa explicá-lo.

A origem telestésica ou qualquer outra, relativa a esse episódio, depende da interpretação teórica a que recorrámos para explicá-lo. Assim é que, se lhe atribuirmos a característica de fenômenos de subconsciência, ele será telestésico; se, porém, o conceituarmos espírico, ele perde o caráter telestésico, pois de fato não se trataria mais de visão ou percepção, à distância, de um objeto inanimado e desconhecido do vidente e para a teoria pouco importa seja o vidente o próprio sensitivo ou um desencarnado a comunicar-se por seu intermédio), para estarmos diante de uma revelação de além-túmulo, na estrita acepção da palavra, já que a indicação obtida se reportava a um fato *conhecido* do defunto comunicante.

15º Caso

– Este, ao contrário do precedente, poder-se-ia considerar um caso espírico e telestésico ao mesmo tempo.

Foi registrado pelo Doutor Kerner na sua obra intitulada *A Vidente de Prevorst*, pág. 135 da edição francesa.

Caso complexo, a sua narrativa integral se tornaria longa, pelo que me reportarei apenas ao trecho referente ao detalhe telestésico-espírico, acrescido das anotações indispensáveis ao seu melhor entendimento.

Escreve o Dr. Kerner:

“A Sra. Hauffe (a vidente de Prevorst), veio a Weinsberg em 25 de novembro de 1826.

Não conhecendo ali ninguém, nem mesmo a mim, hospedou-se num pequeno cômodo ao rés-do-chão, junto da casa e por cima das adegas do Sr. Fézer, cuja vida lhe era inteiramente desconhecida.

O Sr. Fézer era-lhe, portanto, absolutamente estranho e nem mesmo ela sabia ser ele quem ali morava.

Também foi só por meu intermédio que ele teve conhecimento dos fatos que se seguiram.

É possível que a Sra. Hauffe tivesse ouvido dizer que um tal Sr. K... havia superintendido de maneira desastrosa os negócios do Sr. Fézer, mas, dado que assim fosse, ela disso não se recordava, absolutamente.

Aquele homem havia morrido alguns anos antes, ela jamais o vira, nem relações tiveram com pessoas a ele relacionadas e que estivessem a par da sua vida ou da vida do Sr. Fézer, de quem, aliás, não mais se falava publicamente.

Desde a primeira noite, mergulhada em transe espontâneo, antes de havê-la magnetizado, disse ela achar-se ali um homem de aspecto verdadeiramente lastimável, parecendo esperar dela alguma coisa que não podia compreender o que fosse.

No dia 24 de dezembro, em transe, disse:

“– Aqui está o mesmo homem! Logo que durmo, ele surge das adegas! Oh! como eu desejaria que ele se afastasse, que desaparecesse... Porque a verdade é que ele me perturba o sono e eu nada posso fazer a seu benefício.

Posso indicar o lugar em que ele permanece, lá na casa: *é atrás do quarto tonel...* É dali que ele surge logo que eu adormeço!

Estrábico da vista direita, ei-lo que caminha para mim! Oh! não... não! Pare! Nada posso fazer a seu favor... nada... Mas, então só eu o verei? Ninguém mais o percebe?

Ele insiste em fazer-me sinais, assim como a querer falar de alguma coisa.”

No dia 25, quando o Sr. Fézer compareceu pela primeira vez no pressuposto de ser o fantasma de algum parente, disse a vidente:

“– Sempre ele, a perturbar-me o sono... Que pretende mostrar-me? Um maço de desenhos, menor que um in-fólio.

O canto superior da direita está virado para baixo: à esquerda existe um número. Na primeira linha desses dese-

nhos distingo um 8 e um 0... Nada mais posso ler... Isso começa por um J. Mas essa folha está debaixo de outras a que ele não liga maior atenção. Ele deseja que fale ao meu médico e lhe dê ciência do fato. Por que me atormenta desse modo? Então, não poderia dizê-lo à sua mulher? Propunha-se fazê-lo antes de morrer, mas não esperava morrer tão cedo... Entretanto, uma vez morto, isso se lhe grudou n'alma como parte integrante do corpo..."

Era a verdade. Aquela criatura havia morrido inopinadamente. Depois, veio a descrição dos traços fisionômicos, tão exata, principalmente o estrabismo, que não houve como deixar de reconhecer o falecido Sr. K...

A seguir, ela acrescentou: "– É preciso que dele me afaste, pois eu não posso suportá-lo nem mais um dia."

No dia 26, imersa em profundo sono magnético, ela procurou onde estava o papel e disse: "– Está numa casa a sessenta passos do meu leito."

(Aqui, importa notar que a Sra. Hauffe jamais vira tal casa.)

Vejo aí – continua ela – um homem muito alto, que trabalha junto de uma mesa, a sair e a entrar constantemente.

Atrás desses quartos está um quarto maior, onde se encontram diversas caixas em cima de uma mesa comprida. Há também uma caixa maior que as outras. A porta está entreaberta, mas alguém aí permanece.

Contudo, aquelas caixas não pertencem a este homem. Lá estão sobre a mesa três pilhas de papéis. Na do centro, um pouco abaixo do meio, encontra-se a folha de papel que o atormenta.

Reconheci logo o edifício destinado aos escritórios da Haut-Bailli e, crente de que a descrição da Sra. Hauffe não passava de simples visão imaginária, fui procurar o locatário e pedir-lhe permissão para examinar os papéis, a fim de nos desiludirmos.

Haut-Bailli, que também considerava tudo aquilo um sonho, confirmou, entretanto, a verdade quanto ao concernente à sua atividade na hora assinalada.

Confirmou, igualmente, a coincidência das repetidas entradas e saídas, o que lhe permitiu notar uma das caixas com a tampa levantada.

Ainda que tocados por essas circunstancia, convimos todos em concluir que tudo não passava de sonho. Talvez por isso mesmo, e talvez por procedermos atabalhoadamente, não nos foi possível encontrar o papel entre os indicados pela Sra. Hauffe, aliás dispostos precisamente de acordo com a sua descrição.

Não obstante, pedi a Haut-Bailli viesse assistir ao que se passava, isto é, ao primeiro transe da Sra. Hauffe.

Nesse transe, depois de haver prescrito o seu próprio tratamento, falou ela de novo no homem que denominava por *aquele que mora atrás do tonel*, onde o via todas as noites.

Depois de descrever o local com a maior exatidão, disse que ele se achava embrulhado num grosso papel pardo.

Declarei que nada havia lá de semelhante e que tudo quanto me dizia parecia-me quimérico.

Ele, entretanto, respondeu calmamente ser preciso procurar o papel e que lá o encontraríamos.

No dia 31, disse:

“– *O homem do tonel* ameaça-me com o interdito do céu, se eu não descobrir o papel.

Contudo, não o poderá fazer. Morreu com essa idéia e isso o prende à Terra, sem lhe deixar um minuto de paz.

Se o documento fosse encontrado ele poderia, orando, alcançar a salvação.

Por amor de Deus! procurem esse papel. Se eu pudesse andar, certo, ele seria logo encontrado...”

Ao recobrar-se, a Sra. Hauffe mostrava-se ainda mais perturbada do que quando em transe.

Era evidente que aquela perturbação do sono lhe afetava a saúde, esgotando-a.

Conseqüentemente, voltei à casa Haut-Bailli e pedi licença para dar uma nova busca.

E foi então encontrada, tal como a descrevera a Sra. Hauffe, *com um dos cantos virados para baixo*, a folha de papel tão rebuscada.

Nessa altura, confesso, fui presa de grande emoção, pois se tratavam evidentemente de um documento escrito muito anos antes.

Ele continha a prova única reveladora, demonstrativa, de haver o Sr. K... possuído um livro de contas particulares, desaparecido após a sua morte e de cuja existência afirmava a viúva jamais ter tido conhecimento.

Estava ela, a viúva, na iminência de ser intimada a depor sob juramento e o fato tinha em mira adverti-la, para que se abstinésse de um ato capaz de fazê-las ainda mais infeliz do que o marido...”

Nesse episódio, o único detalhe favorável à telestesia fora o que se prende ao *canto superior virado para baixo*, percebido pela vidente com toda a nitidez.

Todos os demais detalhes fornecidos poderiam ser hauridos telepaticamente na subconsciência de alguém.

Aquele, porém, sendo de natureza acidental, não se poderia facilmente atribuí-lo à leitura de alheias subconsciências.

Daí a oportunidade de recurso à hipótese telestésica para explicar os fatos.

Agora é lícito perguntar: – quem foi o agente, nesse caso, da visão telestésica?

A vidente talvez? Ou, antes, a entidade que parecia com ela comunicar-se?

Há uma consideração que poderia fazer pender a balança para o lado da entidade desencarnada e vem a ser que, para obter o fenômeno da visão telestésica, é indispensável que o sensitivo disponha de um *mediador psíquico ou fluídico*, graças ao qual

estabeleça a *relação* entre ele próprio e o objeto ou meio a visualizar.

Ora, nos casos por nós examinados e no que diz respeito à vidente, nota-se a ausência absoluta de *mediador psíquico ou fluídico*, tal como qualquer objeto próprio para ser psicometrado, ou seja, um laço psíquico existente entre a vidente e o desencarnado.

Assim considerado, o modo pelo qual se produz esse fenômeno ficaria inexplicável.

Entretanto, em relação ao Sr. K... o *mediador psíquico* pudera considerar-se de primeira ordem, tratando-se de interesse pessoal, moral e passional, que o ligava ao documento.

Compreender-se-ia, pois, que, entre o Espírito de K ... e o documento que lhe incumbia assinalar às pessoas interessadas no feito, a *relação* indispensável se tenha possibilitado para a descoberta, que lhe permitisse torná-lo conhecido dos homens, graças à mediunidade de uma vidente por acaso aparecida no ambiente em que vivera, como homem.

Essas considerações, dizemos, levam-nos a concluir que tudo contribui para demonstrar neste caso a origem espiritual do fenômeno.

16º Caso

– Logo de começo preveni o leitor de que me não deteria nos casos concernentes a objetos perdidos e reencontrados mais tarde, mercê de sonhos reveladores, porque em tais casos, poder-se-ia alegar, e com razão, que o dono do objeto poderia ter notado subconscientemente a perda, que deste modo lhe abrolharia no sono sob a forma de sonho (criptomnesia).

Contudo, numerosos exemplos se registram, nos quais o objeto perdido é visualizado em sonho, na posição exata em que se acha, e, por vezes, com minúcias que nos parecem inconciliáveis com a hipótese criptomnésica.

Ademais, se a telestesia é um fato, nada mais natural que ocorra, também, relativamente aos objetos perdidos.

Assim sendo, convém registrar ao menos um exemplo dessa categoria.

Tomei-o dos *Proceedings of the Society for Psychical Research* (vol. XI, pág. 398).

Um juiz de paz, Sr. E. Gale, foi quem o comunicou ao professor William James. Entre as testemunhas invocadas, limitar-me-ei ao que redigiu o protagonista.

Escreve o Sr. I. Jesse Squire, de Guilford, condado de Wil-dham, Estado de Vernon:

“Em março de 1887, aos 23 anos de idade, entrei para o serviço da firma T. L. Johnson.

Em setembro do mesmo ano (o dia não me lembra), percorria o campo, distante uma milha da fazenda, em companhia de outro empregado chamado Wesley Davis.

Procurávamos um troço de gado que havia fugido do pasto.

Mal o avistamos numa clareira e logo, espantados, os animais dispararam em direção oposta à em que pretendíamos conduzi-los.

A fim de os fazer voltar, Davis e eu iniciamos a perseguição, colocando-se cada qual no flanco do grupo em fuga.

Nessa carreira desabalada Davis perdeu o relógio e respectiva corrente, mas só deu por isso às 9 horas da noite, ou seja, tarde bastante para tentar qualquer pesquisa.

No dia imediato, voltamos ao local e baldamente procuramos, até o meio-dia.

Davis tinha grande estimação ao seu relógio, que lhe custara 25 dólares, e vivendo como vivia do seu trabalho não podia conformar-se com aquela perda.

Também eu fiquei angustiado, a pensar toda a tarde no relógio. E quando fui dormir, sonhei com ele.

Durante o sono – não posso precisar a hora – vi o relógio na posição em que realmente se encontrava na clareira, à distância de uma milha da fazenda, mais ou menos.

Distinguia-o no meio do mato, alto de 10 polegadas mais ou menos, com o mostrador virado para cima e a corrente de aço em volta, formando um semicírculo.

À distância de três pés do relógio, via um espaço no qual o mato estava amarfanhado, como se alguém ali estivera deitado.

Mais dez ou doze pés para leste, uma pedra granítica de dois pés de diâmetro, meio enterrada.

Ao acordar, eu tinha a impressão de estar vendo diretamente o local.

Contei o sonho ao amigo Davis e concitei-o a que fosse recuperar a perda.

Não quis ele, contudo, acreditar no sonho e recusava-se a partir.

Foi isso num domingo, pela manhã. A despeito das risadas e remoques de toda a família, selei o cavalo e dirigi-me, resoluto, para o local entrevisto no sonho.

E lá encontrei o relógio no sítio e na posição entrevista.

Depois verificamos que, quando Davis perdera o relógio, estava eu distante dele umas 40 varas, pelo menos.

O relógio, parado com a queda, marcava precisamente 9:40, hora que, note-se, havia eu fixado no sonho.” (Assinado: *J. L. Squire.*)

Nesse caso, é para notar que não foi o dono do objeto quem teve o sonho revelador; foi o amigo, tornando-se assim, mais inverossímil, a hipótese da criptomnesia.

Esta, com efeito, deveria ter-se produzido por meio de telepatia, entre as consciências do dono do relógio e do seu amigo.

Se a isso acrescentarmos que um homem empenhado em corrida infrene está impossibilitado de notar, mesmo subconscientemente, a posição exata de um relógio desgarrado do colete e caído em alto matagal, somos levados a concluir que a hipótese telestésica é a única pela qual podemos explicar esse fato.

17º Caso

– A fim de melhor ainda demonstrar que os fenômenos de telestesia podem revestir as formas mais diversas, vou agora relatar um exemplo no qual o incidente telestésico se manifesta em concorrência com os fenômenos de *paramnesia* (impressão do *já visto*), dos quais já tive ocasião de me ocupar em monografia especial e que longe estão da simplicidade que lhes atribui a Psicologia oficial, que autoriza a enfeixá-los todos como *ilusão da memória*.

Este episódio é extraído do *Journal of S. P. R.* (vol. VI, pág. 373).

A Srta. L. M. Robinson (24, Trent-road, Brixton Hill) escreve nestes termos à dita Sociedade:

“Quando, em criança, era levada a qualquer lugar desconhecido, sucedia muitas vezes experimentar a impressão de ali já ter estado. Isto se dava, por exemplo, quando pela primeira vez eu entrava em uma casa, ou ainda quando, nas férias, visitava lugares novos para mim.

Às vezes era uma árvore, outras uma igreja, ou ainda a esquina de uma rua, que me davam a impressão de familiaridade.

No primeiro dia em que estive na escola de X..., atravessamos o pátio de grande estalagem, dizendo-me a criada que dessa forma encurtaríamos caminho.

De repente, fui assomada pela impressão de já ter passado por ali, a ponto de indicar uma trapeira exótica, ao nível do solo.

Não deixei de matutar nesse fato durante toda a manhã, conjecturando sempre hipóteses que me pudessem satisfazer.

Terminado o curso, fui com minha mãe viajar pelo estrangeiro. Depois de alguns meses nos fixamos em Gunthen para passarmos ali o outono, à margem do lago Tun.

Infelizmente, por ter machucado um pé, logo depois da minha chegada, não me foi possível participar das excursões que outros faziam pelas redondezas.

Num belo dia de sol, assisti à partida de um grupo de turistas para Tun.

Minha mãe ficara para fazer-me companhia e, mal iniciávamos a nossa leitura, chegou um senhor pedindo permissão para nos acompanhar ao lago, assegurando podermos gozar, sem maior fadiga, de um belo passeio de barco, depois do qual nos conduziria por uma ladeira de poucos degraus, a um sítio de onde se descortinava magnífica paisagem.

Aceito o convite, depois de um passeio delicioso saltamos num pequeno promontório.

Tínhamos começado a galgar uma trilha estreita e tortuosa, quando, de repente, me veio à mente já ter ali estado alguma vez. E essa impressão foi tão forte que não pude sopitá-la à minha mãe, ajuntando, para melhor demonstrar a veracidade do que dizia, que logo ao chegarmos à curva próxima do cimo haveríamos de avistar à esquerda uma árvore com uma pequena inscrição gravada em folha-de-flandres.

Efetivamente, lá chegando, ao fazermos a curva da trilha, descobrimos a árvore e nela a placa de folha.

Não era possível explicar o fato, de vez que de ponto algum do caminho percorrido se divisava aquela árvore e muita menos a placa.

Por outro lado, era a primeira visita que fazia àqueles sítios e até então nunca me afastara tanto de Interlaken.

Não obstante, reconhecia todas as árvores e todas as perspectivas da paisagem.”

(Conforme os testemunhos da Sra. Carolina Robinson e a cópia da nota escrita pela Srta. Robinson no seu anotário de viagem, no mesmo dia do acontecimento.)

Não é o caso de nos estendermos aqui na análise dos fenômenos de *paramnesia*; entretanto, para interpretar o episódio supramencionado, torna-se útil observar que tais fenômenos deri-

vam de causas múltiplas, entre as quais a mais comum é a dos sonhos verídicos.

A ela podemos atribuir os casos em que o sensitivo, ao acordar, se lembra de haver visitado, em sonho, uma localidade desconhecida e que lhe sucedeu visitar mais tarde, reconhecendo nela os lugares entrevistados no sonho.

Esta segunda variedade do fenômeno explica a primeira, na qual o sensitivo em vez de recordar-se, ao despertar, do sonho que teve, dele só se lembra quando de fato se encontra no ambiente sonhado.

E a primeira variedade, por sua vez, explica os casos de *paramnesia* propriamente dita, isto é, casos em que o sensitivo não se recorda do sonho, nem ao despertar, nem ao achar-se no lugar sonhado, apenas experimentando vaga idéia do *já visto*, que corresponde à extenuação extrema da lembrança, a pique de extinguir-se totalmente.

Essas considerações são de molde a esclarecer o caso da Srta. Robinson, provavelmente oriundo da mesma causa, ou seja, devido a um fenômeno de clarividência telestésica durante o sono, combinado à premonição do passeio que a jovem devia fazer, no dia seguinte, àquele sítio.

18º Caso

– Sempre no intuito de evidenciar as modalidades diversas pelas quais se efetuam os fenômenos telestésicos, registrarei um dos que revestem forma nitidamente premonitória.

Respiguei-o do *Journal of the American S. P. R.* (1907, pág. 486).

A narrativa foi enviada ao Doutor Funk pelo jornalista E. D. Cready, com quem se passou o fato.

O Doutor Funk transmitiu-a ao professor Hyslop, que a inseriu na sua revista, depois de tê-la submetido a um inquérito pessoal.

Eis como o Sr. Mc Cready se dirige ao Doutor Funk:

“Posto que não passe, para o senhor, de um simples desconhecido, eu o conheço, entretanto, através da reputação que desfruta no círculo dos investigadores do psiquismo.

Eis por que resolvi comunicar-lhe uma experiência pessoal, que, não sendo notável em si mesma, contém, no entanto, um pormenor interessante.

Foi em 1892, morava eu na cidade de S. João, onde, por sinal, redatoriava o *The Daily Telegraph*.

Todos os domingos comparecia ao ofício religioso da noite e de lá me retirava para a redação.

Na noite da ocorrência, tinha eu estado na Igreja Batista da rua Germano, que fica a sete ou oito quadras do meu escritório.

O serviço religioso não ia em meio quando acreditei ouvir uma voz imperiosa a dizer-me: “Vá imediatamente ao escritório!”

Não se tratava de voz real e a minha impressão era a de que me falavam dentro de mim mesmo.

Não dei maior atenção ao fato, no intuito de acompanhar o serviço religioso.

Não obstante, aquela frase continuava a martelar-me, como repetida incessantemente e num tom cada vez mais categórico.

Debalde me esforcei para ouvir o sermão; ele escapava-me quase por completo e assim foi que, invadido por crescente agitação, acabei por obedecer à voz misteriosa.

Procurava coordenar idéias, considerando a absurdidade daquela fuga.

O respeito ao ambiente, aliado a um tal ou qual sentimento da própria dignidade, permitiram que me dominasse até o momento da bênção, ainda que seculares me parecessem aqueles momentos.

Nessa altura, enquanto os fiéis se mantinham concentrados e prosternados, tomei do chapéu, abri caminho entre a multidão, tonta, cegamente.

E como os passeios estavam repletos de pessoas que se retiravam de outros templos, lancei-me ao meio da rua a fim de não topar embargos ao impulso irreprimível que me avassalava.

Continuei a correr, considerando que vários transeuntes haviam de me reconhecer à luz das lâmpadas elétricas e julgar-me enlouquecido.

Em chegando ao escritório, galguei de 4 a 4 os degraus da escada, antevendo algo de grave; mas, muito ao contrário, tudo lá permanecia tranqüilo.

Na sala principal, cinco ou seis redatores estavam absor-tos em suas tarefas e, na sala contígua, meu sócio Melville redigia em mangas de camisa.

Nervosamente abri, então, a porta do meu gabinete e logo fui envolvido de espessa e negra nuvem de fumaça.

Entretanto, não era o gabinete que ardia e sim uma lâmpada de petróleo ligada à secretária, que o criado acendera, esquecendo de reduzir a mecha, então a vomitar grandes labaredas e fuliginosa fumarada, com risco de imediata explosão.

Não tive tempo a pensar e a perder; precipitei-me para a lâmpada, conseguindo apagá-la.

Naqueles rápidos momentos, o rosto se me tingiu de negro qual se eu fora um autêntico africano.

E foi tudo o que se deu! Ninguém que tenha deixado de experimentá-lo, pode imaginar a potência extraordinária do petróleo para desprender fumaça fuliginosa, quando arde com excesso de chama, em combustão defeituosa.

Todos os objetos existentes no escritório – tapetes, móveis, livros, papéis – ficaram impregnados de uma camada de fuligem betuminosa da espessura de um oitavo de polegada.

A grande lâmpada, incandescida ao rubro, determinara a ebulição do petróleo, que se desprendia então, graças à mecha, com perigo de explosão iminente.

Tal o fato. Agora, bem sei que há casos, assaz freqüentes, nos quais uma pessoa em perigo consegue impressionar outra pessoa distante, comunicando-lhe a idéia do perigo iminente, graças a uma ação telepática, ou que melhor nome tenha.

Mas, no incidente que acabo de expor, há esta circunstância de especial: que nenhum ente vivo sabia algo do que se passava no meu gabinete.

Na hipótese de provir o aviso de uma entidade desencarnada, por que não teria ela impressionado preferentemente uma das pessoas presentes no escritório?

Finalmente, é de notar que, se um incêndio devastador tivesse irrompido, o meu prejuízo pessoal seria insignificante, pois eu não era mais que simples redator e nem o prédio nem o jornal me pertenciam.

Será, pois, verdade, que a nossa pessoa possui consigo a faculdade de irradiar a distância alguma coisa de semelhante à atmosfera da Terra, ou análoga à luz de um globo luminoso, e que, graças a essa faculdade, podemos, eventualmente, perceber o que se passa a distâncias consideráveis?”

O professor Hyslop escreveu ao Sr. Mc Cready solicitando-lhe esclarecimentos complementares.

Da resposta do Sr. Cready destaco os seguintes tópicos:

“As pessoas presentes na sala da redação nenhuma fumaça perceberam, até o momento em que abri a porta do gabinete, que estava hermeticamente fechada.

Quando assaltado pela idéia de correr, as minhas sensações eram de natureza subjetiva; o impulso se manifestou por palavras inarticuladas: “Corre imediatamente ao escritório, depressa!” Não me passava pela mente que sensações tais pudessem provir de causa extrínseca a mim mesmo.

Há 40 anos ocupei-me com as *mesas girantes*, então em voga. No grupo em que realizávamos as nossas experiências espíritas eu era tido como excelente *médium*.

Entre outras muitas coisas, a mesa ditou algumas predições, que, aliás, contra a minha expectativa, se realizaram.

Afinal, tive as minhas dúvidas, escrúpulos de consciência, considerei inconveniente e culposa a tentativa de penetrar o futuro e acabei definitiva e bruscamente com aquelas sessões.”

Notemos que, posto não haja no episódio, aqui descrito, detalhes quaisquer que induzam a concluir por uma intervenção espiritual, a objeção levantada pelo Sr. Mc Cready não prevalece.

Diz ele: “*Na hipótese de provir o aviso de uma entidade desencarnada, não teria ela impressionado preferentemente uma das pessoas presentes no escritório?*”

Indubitavelmente, aquelas pessoas eram as únicas expostas ao prejuízo de uma exploração; mas, menos indubitável não é que, para se tornarem suscetíveis de uma ação telepática, importava fossem sensitivas.

Logo, se a manifestação não se deu no escritório, é que lá não havia, entre os presentes, nenhum sensitivo.

Daí resulta que, se se tratasse de uma entidade desencarnada, natural fora procurasse esta atingir o mesmo desígnio, impressionando o único sensitivo à sua disposição, afastado embora do escritório, naquele momento.

Ora, os precedentes pessoais do jornalista confirmam ser ele dotado de faculdades mediúnicas.

Tudo isso dizemos a título de reparo crítico à objeção do Sr. Mc Cready. Mas, do ponto de vista que nos interessa, pouco importa que um fenómeno telestésico seja espiritual ou subconsciente, visto que em ambas as hipóteses não deixaria de ser telestésico.

E nesta obra o que nos propusemos demonstrar foi a existência ainda contestada desse ramo da fenomenologia mediúnica.

19º Caso

– Extraído dos *Annales des Sciences Psychiques* (1899, pág. 260).

Trata-se de um exemplo de manifestação telestésica no estado delirante.

Conta o engenheiro E. Lacoste que, pelo inverno de 1898-1899, adoeceu de febre tifóide, que lhe acarretou graves complicações cerebrais, rapidamente degeneradas em congestão.

E prossegue:

“No dia 23 de dezembro desfaleci completamente para só recuperar uma meia lucidez em 24 de janeiro.

Daí por diante, malgrado um pouco de perturbação intelectual, que persistiu um mês mais ou menos, a convalescença foi rápida, de sorte que hoje me considero completamente curado e no exercício pleno do meu cargo.

No curso da enfermidade, a delirar constantemente sem uma hora de lucidez, apenas reconhecendo minha mulher, deram-se diversos fenômenos que as pessoas de minha intimidade e que me assistiam – gente honrada e de boa-fé – anotaram à proporção que iam ocorrendo, e os quais aqui relato no pressuposto de poderem contribuir para a história da Telepatia.”

Nessa altura o Sr. Lacoste começa a narrativa dos fatos de clarividência telepática desenrolados no curso do seu delírio, fatos que me abstenho de aqui reproduzir, por estranhos ao nosso objetivo.

Limito-me apenas a citar o último incidente por ele narrado, que contém um elemento telestésico real.

É o seguinte:

“Em outubro, ordenara ao meu correspondente no Brasil que me enviasse diversas caixas de livros, roupas, instrumentos e artigos outros que lá haviam ficado, disposto que estava a não mais regressar àquele país, a fim de me fixar em Toulon.

Esses volumes chegaram a Marselha no dia 15 de janeiro, e como não me encontrava em estado de providenciar sobre qualquer coisa, ninguém me disse algo a respeito.

Minha mulher, toda entregue aos cuidados da minha enfermidade, incumbiu o Sr. Victor Sourd, que partiria para Madagascar pelo vapor de 23, de ir antes a Marselha e re-despachar os volumes para Toulon, onde, por se encontrarem as chaves, se poderiam preencher as formalidades do fisco.

Desconhecendo os volumes, o Sr. Sourd limitou-se a verificar que eram 6, de acordo com o conhecimento, reexpedindo-os para Toulon.

Com a idéia fixa que caracteriza muitas vezes as enfermidades mentais, estava eu constantemente preocupado com o dia da chegada dos volumes.

Sem que alguém me falasse a respeito, disse à minha mulher: “As caixas vindas do Brasil já chegaram, mas é preciso recusá-las ou fazer uma reclamação, visto faltar uma delas e justamente a que contém retratos, roupas e objetos de valor.”

De fato, a remessa era de 6, mas faltava a caixa assinalada, que fora trocada por outra em que estavam amostras de borracha.

Atesto por mim, e poderia fazê-lo com diversas testemunhas, a veracidade absoluta dessa ocorrência, destacada de entre muitas outras verificadas no curso de minha enfermidade.” (Assinado: *Ernest Lacoste*, Engenheiro civil, rua Sebastião Carlos n° 7, Toulon.)

Os casos em que se produzem fenômenos supranormais durante o delírio são assaz freqüentes e apresentam valor teórico que se não pode negligenciar, sobretudo porque, se uma pessoa desprovida de faculdades supranormais, no seu estado normal, as demonstra em estado delirante, é que essas faculdades existiam latentes na subconsciência, e o delírio, com o suprimir-lhe o uso das faculdades conscientes, permitiu a sua eclosão, sem poder, naturalmente, criá-las.

Deveríamos, então, concluir que as faculdades supranormais são partilha comum de todas as subconsciências humanas, onde aguardam o momento favorável para abroilharem com a morte do

corpo, de modo a constituírem os sentidos da personalidade humana desencarnada.

Além disso, importa notar que no caso pertinente ao Sr. Lacoste desdobram-se ao mesmo tempo incidentes telepáticos e telestésicos, o que contribuiria para confirmar a teoria da *panesthesia espiritual*, ou seja, a existência subconsciente de um sentido único, supranormal, capaz de revestir todas as modalidades pelas quais se manifestam os sentidos e faculdades terrestres.

Quanto à origem telestésica do fato, acredito não ser difícil demonstrá-la.

Atenho-me, antes de tudo, ao pormenor da troca da caixa, pormenor que, constituindo um equívoco, deveria permanecer ignorado de quem o houvesse cometido e, conseqüentemente, ignorado de todo o mundo.

A bem dizer, ainda se poderia afirmar que a subconsciência da pessoa que se enganara houvesse registrado a troca e que o enfermo nela haurisse o conhecimento da ocorrência.

Mas, mesmo que quiséssemos admitir a possibilidade desta singularíssima operação psíquica, a origem telestésica do fenómeno ressaltaria do incidente complementar, ou seja da indicação exata da caixa extraviada, com a *enumeração dos objetos nela contidos*.

Ora, desconhecido de quem quer que fosse o conteúdo da caixa desencaminhada, é claro que o enfermo clarividente não podia extrair conhecimentos de consciências alheias e, por conseguinte, que não se poderia negar a existência de uma *relação telestésica* entre a consciência do enfermo e a caixa faltante, ou as cinco restantes.

20º Caso

– Publicado pelo Doutor Dufay, na *Revue Philosophique*, em 1889.

Tomei-o de um artigo do professor Roirac, nos *Annales des Sciences Psychiques* (1916, pág. 157).

Expõe o referido Doutor Dufay uma série de experiências feitas em combinação com o Doutor Girault, servindo de médium a criada deste, que em estado de sonambulismo revelava a faculdade da *dupla vista*.

Entre outros informes, conta ele como por certos motivos se encontrava em função profissional nos presídios de Blois, onde um detento se suicidara, estrangulando-se com a própria gravata.

Aos magistrados presentes, curiosos de assistirem a uma sessão sonambúlica, propôs-lhes, então, demonstrar a lucidez da criada Maria, mediante qualquer peça do vestuário do suicida.

E continua dizendo:

“Cortei um pedaço da gravata do suicida, embrulhando-a em várias folhas de papel, fortemente amarradas.

Fiz sinal à rapariga para seguir-nos, sem com ela trocar palavra e fi-la adormecer com uma simples imposição de mãos sobre a fronte.

Tirei, então, o embrulho do bolso e meti-lhe entre as mãos. No mesmo instante, a pobre rapariga tombou na cadeira e atirou longe o embrulho, gritando colérica que não queria *tocá-lo*.

Ora, todo mundo sabe que nas prisões os suicídios são mantidos em sigilo, tanto quanto possível.

Daquele trágico acontecimento, nada ali transpirava no interior do estabelecimento e a própria irmã de caridade o ignorava.

– Mas, afinal, que pensa você que aquele embrulho contém? – perguntei, logo que um pouco de calma se fez no ambiente.

– Ali está qualquer coisa que serviu para matar um homem...

– Será uma faca? um revólver?

– Não, nada disso é uma corda... Oh! agora vejo, é uma gravata! O desgraçado enforcou-se... Mas, faça o favor de mandar assentar este senhor que aqui está atrás de mim, e cujas pernas tremem tanto que ele mal se tem de pé. (Era

um dos dois juízes, que, efetivamente emocionado, tremia a olhos vistos.)

– Poderá dizer em que lugar se deu esse fato?

– Aqui mesmo, bem o sabeis, pois se trata de um detento.

– Mas, por que foi ele encarcerado?

– Matou um homem, simplesmente por lhe haver este pedido passagem na sua carroça.

– Mas, como foi que ele o matou?

– A golpes de podão.

Assim se denomina no *Loir-et-Cher* uma espécie de machadinha de cabo curto e lâmina curva e larga, terminada em bico de papagaio. É uma ferramenta muito usada no campo, principalmente entre tanoeiros e lenhadores.

Tratava-se, efetivamente, de um podão, ao qual me referira no laudo pericial, como tendo sido o instrumento provável do crime.

Até aqui as respostas da sonâmbula nada adiantam ao que já de antemão conhecíamos. O juiz de instrução chamou-me de parte e segredou que o podão não fora encontrado.

– Mas, que fim deu ele ao seu podão? – perguntei.

– Que fim? Espere um pouco... Ah! lançou-o num brejo... lá o vejo no lodo.

E acabou por indicar a região em que ficava o brejo, o que permitiu fazer-se uma batida, com a assistência do comandante da polícia, encontrando-se o podão.”

É facilmente compreensível que deste caso, relatado pelo Doutor Dufay, o único detalhe de natureza telestésica é o da visão do podão no fundo do brejo.

Esse detalhe é, porém, interessante e suscita novamente a questão de saber como se estabelece a *relação* entre o sensitivo e a coisa visualizada.

Se, no caso em apreço, parece indubitável que, tendo o objeto pertencido ao suicida, agisse, uma vez apresentado à sonâmbula,

psicometricamente, isso não impede perguntarmos: mas, como poderia ter-se dado o fato? Telepática, telestesticamente?

Em geral, quando apresentamos a sonâmbulos ou médiuns objeto pertencente à pessoa falecida, tudo contribui para provar que esse objeto serve para estabelecer a *relação* com a entidade espiritual do traspassado, da mesma forma que o objeto pertencente a um vivente serve para estabelecer a relação com o mesmo vivente.

As conhecidíssimas experiências das Sras. Piper e Thompson são de molde a confirmar essa ilação.

Se nos propuséssemos aplicá-la neste caso, deveríamos concluir que a imagem pictográfica, mediante a qual a sonâmbula revelou o sítio em que se achava o podão, lhe havia sido transmitida telepaticamente pelo morto, caso em que se trataria não mais de telestesia, porém de uma revelação *post mortem*.

Ao contrário, se o objeto presente à sonâmbula tivesse servido para estabelecer a relação com o objeto distante, somente se trataria de autêntico fenômeno telestésico.

21º Caso

– Em *The Mind*, revista inglesa de Filosofia (fevereiro de 1899), a Sra. Alice Le Plongeon, esposa do conhecido arqueólogo Le Plongeon, relata três sonhos proféticos que lhe ocorreram durante a sua primeira estada na quase ilha de Yucatán, onde o marido procedia a escavações de intuitos científicos.

Dois desses sonhos podem filiar-se à clarividência telepática, mas o terceiro se nos apresenta nitidamente telestésico, tal como aqui o transcrevemos.

Diz a Sra. Le Plongeon:

“Meu sonho verificou-se precisamente no momento de acordar.

Prendia-se ele a escavações feitas, das quais resultaram a descoberta de várias esculturas e outros objetos antigos, assaz interessantes, extraídos do túmulo de um grande sacerdote.

Entre esses objetos encontramos nove cabeças de serpente, esculpidas em pedra, admiravelmente cinzeladas e coloridas.

No sonho, era eu quem dirigia pessoalmente o trabalho de escavação e ordenava aos cavouqueiros que deslocassem um monte de grandes pedras a um canto, predizendo-lhes que dali seriam retiradas mais três cabeças de serpente, em tudo iguais às nove já encontradas.

Ao contar esse sonho ao Doutor Le Plongeon, na ocasião acamado por efeito de uma entorse, disse-me ele que, “se eu quisesse satisfazer o desejo de controlar o sonho, poderia ordenar as escavações naquele sentido”.

Assim o fiz e ao meio-dia voltei para anunciar-lhe o achado das três cabeças complementares, nas condições entrevistas em sonho:”

Nessa exposição o fenômeno telestésico ressalta nítido e incontestante, pois que nele não concorre a alternativa teórica emitida em relação ao exemplo anterior – a de uma presumível origem espiritual.

Noto, além disso, a indicação exata de *três* cabeças de serpente, indicação que, por sua justeza, afasta a hipótese da *fortuita coincidência*, admissível se a predição apenas se referisse vaga e indeterminadamente a cabeças de serpente, semelhantes às primeiras já encontradas.

Noto, enfim, a circunstância teoricamente importante de não ter a clarividente no seu sonho percebido a imagem pictográfica das três cabeças ainda soterradas, e sim recebido a predição pura e simples.

Essa forma de telestesia, com *ausência de visões pictográficas*, contribui para confirmar a hipótese de não serem os clarividentes tocados pela visão direta ou indireta dos objetos, mas advertidos pela personalidade subconsciente, que se esforça em atingir o fim, por quaisquer meios ao seu alcance, isto é, de acordo com as idiosincrasias especiais, que são deles apanágio.

22º Caso

– Vejamos agora este caso examinado por Podmore, tomado da obra de Myers: *The Subliminal Self (Proceedings of the S. P. R.*, vol. IX, pág. 374).

Seu protagonista, Sr. J. Hunter Watts, conta a Podmore o seguinte:

“Remeto-lhe por escrito o relatório da ocorrência, a bem dizer banal, que me sucedeu e já lhe expus verbalmente.

Faz seis anos, encontrava-me em Paris com meu irmão Jorge, o qual lá comprara por oito ou dez francos uma estátua de gesso, da Vênus de Milo.

Lavrei o meu protesto por ter de o ajudar a transportar semelhante estafermo aos penates, na Inglaterra.

Como a estátua media 4 a 5 pés de altura, tínhamos a impressão de levar conosco um defunto embrulhado.

Uma vez em casa, não consenti figurasse tão vil adorno entre os da minha sala, pelo que houve meu irmão de conformar-se com a sua entronização num grupo de pedras musgosas, lá num canto do jardim.

E lá ficou ela, em paz, durante alguns meses, só lembrada quando, por acaso, por ali se passava.

Fora disso, “longe da vista, longe do coração...”

Certa manhã de outono, ao levantar-me da cama, dirigindo-me ao toucador, fui assaltado pela lastimosa idéia de que aquela estátua houvesse tombado e quebrado.

E digo lastimosa idéia, porque, entrevista de certa distância, entre a folhagem, ela não fazia má figura.

E continuando a refletir, de mim para mim dizia: “contudo, parece impossível que na sua derrocada só tenha perdido a cabeça, sem maiores avarias”.

A essa altura, lembrei-me que tudo aquilo devia ser um sonho e sorri, então, da puerilidade de uns tantos sonhos.

Assim continuaria pensando se a demora do almoço não me levasse a dar uma volta pelo jardim.

A terra estava encharcada da chuva; soprava um vento forte, e qual não foi o meu espanto quando, acercando-me do grupo de pedras, lá se me deparou a Vênus de Milo tombada e a sua cabeça projetada no centro da aléia...

Era a realidade perfeita do meu sonho!

Por alguns momentos considerei que enquanto dormia poderia haver-me levantado e andado pelo jardim, mas logo percebi que isso não seria possível, visto ter chovido toda a noite e, nesse caso, deveria ter as roupas encharcadas e os pés, por descalços, não estariam limpos.

Mas, dado que me houvesse calçado, também os sapatos deveriam achar-se enlameados.

Nada disso, entretanto, se verificava! Confesso também que nunca fui sujeito a crises de sonambulismo.

Ao assentar-me à mesa do almoço, estava completamente aturdido e a mim mesmo perguntava: “seria possível que, enquanto o corpo repousava lá na cama, uma parte imaterial de mim mesmo fosse vagar pelo jardim?”

Mas, nesse caso, é claro que essa parte imaterial não pudera ser molestada pelo vento e pela chuva.

O acontecimento é banal, mas nem por isso deixou de me preocupar muito tempo e permanecer inexplicável.”

(Segue-se a confirmação de uma senhora a quem o depoente contara o sonho logo que ele se deu.)

Também nesse caso, o elemento telestésico evidencia-se de modo incontestável.

Do ponto de vista teórico, advertirei o caráter insignificante, praticamente inútil do fenômeno, a suscitar esta pergunta: “*Mas, com que fim se produzem estas manifestações?*”

Já tive ocasião de versar o assunto na minha obra *Fenômenos Premonitórios*.

É uma particularidade essa que surge, efetivamente, a mais das vezes ainda, nessa classe de manifestações.

Vale por dizer que se encontram revelações proféticas realizadas em todos os seus detalhes e, todavia, de natureza absolutamente insignificante e praticamente inúteis.

Expliquei, então, a coisa, recorrendo a uma hipótese aparentemente ousada, mas confirmada por provas de fato, experimentais e irrefutáveis.

Posto que essa hipótese não possa aplicar-se senão excepcionalmente aos casos telestésicos, não será ocioso recordá-la aqui.

Eis o que então escrevi:

“Para obviar a essa dificuldade, apresenta-se uma outra hipótese, que tem a vantagem de basear-se em dados de ordem experimental, permitindo concluir que os episódios do gênero destes aqui examinados são manifestações em si mesmas preparadas e executadas por personalidades subconscientes, ou extrínsecas, que transmitem em primeiro lugar ao sensitivo, sob a forma de visão onírica, ou qualquer outra, uma dada situação futura em que ele sensitivo, ou outrem, deverá encontrar-se.

Depois, elas provocam a realização dos fatos por meio de sugestão telepática, seja sobre o sensitivo ou sobre pessoas no fato interessadas, e isto (conforme afirmam as ditas personalidades) a fim de impressionar os nossos espíritos, de nos inculcar a idéia de um mistério na vida humana, de abalar o cepticismo das criaturas, levando-as a meditar na possibilidade existencial de uma alma sobrevivente à morte do corpo.”

Para o caso, não aproveitaremos dessa explicação mais que a nota final, isto é, que as manifestações telestésicas, aparentemente inúteis, poderiam comportar, a seu turno, uma finalidade análoga à das premonições de que se ocupava ao escrever as linhas supra.

Elas, essas manifestações, são talvez provocadas por entidades espirituais, ou pela personalidade integral subconsciente, a fim de despertar no sensitivo a reflexão para o mistério da vida, assaz negligenciado.

Apresso-me, entretanto, a ajuntar que os casos telestésicos dessa natureza poderiam, em geral, explicar-se, atribuindo-se sua origem ao caráter fortuito e fugaz das irrupções de faculdades

supranormais no plano terrestre, de tal modo que, cada vez que a irrupção se verificasse espontaneamente, sem o agulhão de uma causa passional qualquer, ela seqüestraria e transmitiria automaticamente ao *Eu* consciente aquelas noções que ele tivesse adquirido no instante passageiro de sua incursão.

A esse respeito fora possível levantar a seguinte objeção:

Se se tratasse de irrupção fugitiva das faculdades supranormais no campo da consciência normal, as percepções transmitidas deveriam ser de natureza fragmentária e incoerente, e não concatenadas e completas, quais se verificam.

É essa circunstância que lhes dá uma aparência de intencionalidade, conforme com a primeira interpretação que aventamos.

23º Caso

– Destaco o seguinte fato da obra do Dr. J. A. Ricard, intitulada *Tratado Teórico e Prático do Magnetismo Animal* (pág. 48), resumindo-o nos tópicos essenciais.

“Bastante enferma, padecendo vivas dores na região epigástrica, a Sra. L... encontrava-se, em 1928, nas águas termais de Castéra-Verduzan, departamento de Gers.

Haviam-lhe receitado algumas doses de sulfato de quina e banhos de água ferruginosa.

Essa medicação, longe de aliviá-la, agravou-lhe os padecimentos.

Por se lhe tornarem intoleráveis as dores, fui vê-la a instâncias dela mesma, do marido e da avó, que de mim pretendiam a tentativa de uma cura magnética.

Levei à casa da enferma, no dia 26 de setembro, a jovem Aline Dufaut, moça de seus 15 anos e uma das sonâmbulas mais lúcidas que comigo trabalhavam.

Eu estava quase convicto de que ela poderia indicar um remédio eficiente para curar a enferma que tanto me interessava.

O Doutor Pons, que nunca tivera ensejo de ver um sonâmbulo, não se fez esperar...

Apressei-me a adormecer a moça e a pô-la em relação com a enferma.

A sonâmbula tornou-se séria e como concentrada, mantendo entre as suas as mãos da enferma.

Perguntada sobre a enfermidade, ela respondeu sem hesitação, de maneira que o doutor pudesse inferir que ela assinalava uma irritação e não uma inflamação.

O raciocínio da sonâmbula surpreendeu tanto o Doutor Pons, que ele confessou de nada mais poder duvidar.

Mas a moça como que se transfigurou quando, possuída de indizível alegria, anunciou que via o meio de curar a Sra. L...

A presença da enferma, de sua mãe e de um médico hábil emprestavam ao quadro o maior interesse.

– *Lá* – dizia a sonâmbula –, *lá sobre a encosta de um monte...*

(Citei, no intuito de auxiliá-la, todas as vertentes dos arredores de Agen e, finalmente, do Monte-Grande.)

– *Sim, do Monte-Grande* – apressou-se em repetir –, *perto da ponte, ao lado do barranco... de encontro a uma pedra... lá... vede esta planta... esta erva esplendida!*

E descreveu-a perfeitamente.

Depois, à vista da minha hesitação, disse: *sim, vejo-a* –, e fez um movimento como para colher um galho e mo entregar:

– *Olhe, veja que forte aroma desagradável...*

– *Sim, mas como se chama?*

– *Ah! isso agora é que não sei.*

– *Então, como havemos de fazer? Pois não é necessário preparar a tisana?*

– *Oh! não... Deus meu! Beber, não; é lavá-la, socá-la como se faz ao espinafre e depois fazer uma cataplasma e aplicar por 24 horas sobre o estômago. Isso uma, duas ou três vezes. E a cura estará feita.*

Depois, ela descreveu a forma, as folhas, a cor da planta, e renovou a indicação do sítio em que a lobrigava.

– Pois dar-se-á que não vejas? que não sintas este cheiro tão ativo? E insistia, impaciente.

Verificamos, depois, que a sonâmbula, que contava 15 anos de idade, nunca mais, depois dos seus 7 anos, andara pelas encostas do Monte-Grande.

Perguntei-lhe se, uma vez despertada, poderia reconhecer a planta e ela respondeu que sim, desde que a isso eu a constrangesse. Procedi de acordo, tal como se deve fazer nesses casos, para que ela retivesse a lembrança da planta, mas esqueci-me de o fazer, quanto ao local preciso.

De resto, tudo anotáramos e não precisávamos da sua indicação já escrita.

Ao despertar, perguntada sobre o que sentira, a senhorita Dufaut respondeu ao Doutor Dupons que de nada se recordava, mas tinha a idéia de haver sonhado com uma planta, da qual como que sentia o cheiro.

Não sabia explicar por que pensava nessa planta, que tornou a descrever com as mesmas palavras.

Também não poderia dizer onde ela seria encontrada, mesmo porque jamais vira coisa semelhante, nem nos jardins do Sr. Saint Amand.

No dia imediato, 27 de setembro, fomos eu, o Sr. L... e Brienne, o marquês de Mata-Florida, a Srta. Dufaut com sua mãe e uma amiga, à encosta do Monte-Grande, ocultando, já se vê, da Srta. Dufaut o objetivo daquele passeio.

Chegados perto do barranco indicado, pedi-lhe que olhasse em torno, a ver se por ali não estaria a planta com que sonhara. No mesmo instante ela se pôs a procurar, repetindo: *sim, ela deve estar por aqui, pois se bem que não a veja, sinto-lhe o cheiro.*

Impacientava-se, batia o pé. Via-se que, de fato, não guardava a mínima lembrança do local assinalado.

Preveni o Sr. Brienne e provoquei o transe para efeito da exploração.

A Srta. Dufaut estacou de súbito e, pedindo-lhe eu colhesse a planta que haveria de curar a Sra. L..., disse: *Ah! sim...* e disparou em linha reta para o ponto indicado.

Saltou o barranco e, do outro lado, junto de um bloco de pedra rolado das alturas, igualmente assinalado no sono da véspera, colheu um pé muito folhoso da planta magnificamente verde e de cheiro ativo e desagradável.

Nenhum de nós pôde reconhecê-la. Pouco depois, desper-tei a senhorita e informei-a de quanto se passara.

De regresso a Agen, mostramos a planta a diversas pessoas e ninguém a identificava.

Contudo, o farmacêutico, discípulo do célebre Saint-Amand, afirmou tratar-se da *Psorálea betuminosa*, planta que, como indica o nome, exala um forte cheiro a betume, mas sem qualquer aplicação terapêutica.

Sem embargo, o Doutor Pons não hesitou, e naquela mesma noite foi aplicada a cataplasma, só retirada depois de 24 horas, de acordo com a indicação sonambúlica.

A enferma passou o dia sem espasmos. A cataplasma produziu vivo efeito revulsivo. À noite, voltaram os espasmos, porém mais fracos. Fez-se nova aplicação e daí por diante a Sra. L... estava radicalmente curada.”

Casos idênticos são muito freqüentes nas obras dos antigos magnetólogos e revestem, às vezes, formas mais estupefacientes do que essas até aqui expostas, como, por exemplo, quando a planta visualizada cai ao colo da sonâmbula, por um verdadeiro fenômeno de *transporte*. Há, nesse sentido, um exemplo típico com o que sucedeu ao Doutor Billot (*Correspondência sobre o Magnetismo vital*, etc., Paris, 1839).

Do ponto de vista da telestesia, notarei que nos casos em questão o fenômeno telestésico parece indiscutível, e penso que fora inútil deter-me para prová-lo.

Em compensação, levanta ele um problema de outra natureza, concernente à maneira pela qual se estabelece a relação entre o sonâmbulo e a planta procurada, pois nas circunstâncias que acabamos de ler, a *relação* difere, radicalmente, do que é implícito nas outras modalidades de clarividência.

Com efeito, nos casos de lucidez psicométrica, pode-se razoavelmente supor que o *fluido vital especializado*, de que parece saturado o objeto presente ao sonâmbulo, possa estabelecer a relação com a pessoa distante, dona do objeto; mas, nos casos em que nenhum objeto se apresenta, existe a presença de alguém que conhece a pessoa ausente, visualizada pelo sonâmbulo.

É, pois, verossímil que a pessoa presente sirva para estabelecer a *relação* com a pessoa ausente.

Enfim, nos casos análogos ao de Aléxis Didier, no qual o sonâmbulo percebe à distância uma urna enterrada, cheia de moedas romanas, ainda se pode presumir que o dinheiro achado e entregue ao sonâmbulo tenha atuado psicometricamente, posto que, neste caso, já se trataria de *relação* entre pessoa e objeto inanimado.

Mas, em casos como este último, tratando-se de uma planta agreste, sem qualquer laço fluídico com a sonâmbula, como dar-se a *relação* entre o sonâmbulo e a planta?

Como se opera? como se produz a orientação da pesquisa?

Tratar-se-ia, pois, do que se convencionou chamar *instinto dos remédios*, comum nos animais e freqüente nos sonâmbulos, operando como orientador da vidência?

É bem possível, mas então seria preciso dizer que o princípio dinâmico, capaz de estabelecer a *relação* com a planta, fora a própria *enfermidade* do consulente, enfermidade que, podendo ser curada com os sucos de uma dada planta específica, possibilitaria à sonâmbula a orientação para encontrá-la.

Nesse caso, deveria haver uma relação de causa e efeito entre a enfermidade e a planta, ou por outra, uma afinidade químico-fisiológica entre a enfermidade e a substância terapêutica.

Advertirei, finalmente, que, no caso em apreço, a descrição do local e da planta visualizada, com percepção de cheiro desa-

gradável, parece tão viva que nos faz pensar num fenômeno de *bilocação* sonambúlica.

Contudo, existe também o detalhe de caráter alucinatório, do pequeno galho colhido pela sonâmbula e ofertado ao magnetizador, para demonstrar à evidência que não se trata, absolutamente, nem de bilocação, nem de visão direta ou indireta, mas unicamente de uma sucessão de imagens e sensações alucinatórias, a serviço da subconsciência, para transmitir à consciência os desejados informes.

Entretanto, essas conclusões suscitam, por sua vez, um outro enigma a resolver.

Parece incontestável que as imagens e sensações percebidas pela sonâmbula tenham sido alucinações verídicas, transmitidas pela personalidade subconsciente.

Mas, então, se a personalidade subconsciente era a única existente, é claro que não podia transmitir a si mesma as imagens e sensações alucinatórias.

Quem, pois, as transmitia? Um estado mais profundo da subconsciência talvez?

Admitamo-lo para concluir, mas não sem confessar que estamos defrontando um enigma formidável.

Conclusões

Aqui me detenho na exposição dos fatos, presumindo que os já citados bastem para dar uma idéia adequada das diferentes modalidades mediante as quais se manifestam os fenômenos de telestesia.

Persuadido estou, igualmente, da sua suficiência, para confirmar seu asserto de que a realidade desses fenômenos pode considerar-se experimentalmente demonstrada, ou seja, que as manifestações de clarividência, em geral, não podem ser reduzidas em sua totalidade a fenômenos de *leitura ou transmissão de pensamento subconsciente*, como foram levados a crer alguns eminentes pesquisadores contemporâneos.

Não resumirei o que sucessivamente evidenciei no exame analítico dos fatos, para deter-me no conspecto ulterior do problema concernente às formas pelas quais se manifestam os fenômenos telestésicos.

Trata-se, nesse caso, de um problema bem árduo na verdade, pois, como vimos, tudo contribui para provar que a percepção telestésica não pode ser uma visão direta nem indireta, por meio de centros ópticos, e que, portanto, as visões clarividentes devem ser consideradas como imagens alucinatórias verídicas, transmitidas pela personalidade subconsciente à personalidade consciente, com o fito de a esclarecer relativamente aos conhecimentos adquiridos.

Essas conclusões não ressaltam somente da análise comparada dos fatos, mas também dos incidentes nos quais as visões telestésicas revestem uma natureza simbólica, cuja circunstância infirma a hipótese de visão direta ou indireta.

Elas, as conclusões, são ainda corroboradas pelos episódios nos quais se constata completa ausência de visualizações pictográficas, isto é, nas quais o sensitivo adquire conhecimentos telestésicos sob a forma de impressões intuitivas, auditivas, olfativas, táteis e motrizes, o que prova que a real percepção telestésica consiste em algo de radicalmente diverso de todas as modalidades sensoriais pelas quais ela se manifesta.

As mesmas conclusões se prendem também aos fenômenos de *leitura de livros e invólucros fechados*, pois que neles concorrem os mesmos incidentes, incompatíveis com a visão direta ou indireta.

Assim, por exemplo, nas bem conhecidas experiências do major Buckley, os sonâmbulos viam desenrolar-se diante de seus olhos os bilhetes que liam, não obstante estarem estes encerrados e enovelados em cascas de nozes.

Assim, quando o Doutor Schotelins perguntou ao doutor Reese como ele se arranjava para ler os bilhetes cuidadosamente dobrados que lhe apresentavam, eles respondeu: “Tal como faço com os que aqui estão diante de mim”, referindo-se aos bilhetes

que estavam abertos, em cima da mesa. (*Anais de Ciências Psíquicas*, 1904, pág. 67.)

Daí se conclui que também nestas circunstâncias a visão clarividente não pode ser conceituada como real, que não passa de uma visão simbólica, ou, por outras palavras, que deve consistir em *imagens pictográficas*, transmitidas pela personalidade subconsciente, no intuito de a informar pela única maneira possível.

Para completar essas considerações concernentes à *telestesia*, é força lembrar que a mesma coisa ocorre com os fenômenos de *clarividência telepática*, a saber: que diante da visão subconsciente do sensitivo se desenrolam, de mistura, imagens do passado, do presente e do futuro da pessoa visualizada a distância, o que se torna incompatível com as hipóteses de visão direta e indireta, nas quais o sensitivo não deveria perceber mais que as situações e ações de atualidade.

Preciso é não esquecer, também, que o sensitivo igualmente desvenda os estados de alma, o temperamento, as indisposições da pessoa ausente – condicionais que se não podem atribuir à visão direta ou indireta.

Demonstrado está, portanto, que, nos fenômenos de clarividência telepática e de telestesia, a presumida visão direta ou indireta não existe; a personalidade subconsciente é quem percebe, à distância.

*

Neste ponto atingimos o problema formidável dos *modus operandi*, graças ao qual a personalidade subconsciente se revela na percepção.

Assinalarei desde logo que não se conseguirá, provavelmente, penetrar jamais na essência do mistério, pois tudo concorre para provar que as percepções subconscientes podem ser identificadas com a *percepção espiritual propriamente dita*, o que pressupõe uma maneira de ver qualitativamente diferente da percepção terrestre.

Essa circunstância, a seu turno, pressupõe a impossibilidade, para a personalidade subconsciente (que na plenitude integral se identificaria com o *Eu* espiritual), de transmitir os seus conhecimentos na forma sob a qual os percebe, e a necessidade em que se encontra de conformar-se com as modalidades sensoriais da existência terrestre, todas as vezes que se propõe transmitir os referidos conhecimentos à personalidade consciente.

Essas considerações, cuja profunda significação filosófica a ninguém pode escapar, lembram-me a célebre resposta mediunicamente obtida por Alexandre Aksakof sobre o assunto.

É a seguinte:

“Uma coisa é ver para mim, outra é ver para vos transmitir o que vejo: nossas percepções, inclusive a vista, independem dos sentidos e, por isso mesmo, são qualitativas e quantitativamente diferentes. Para partilhá-las, torna-se necessária uma certa assimilação ou comunhão...”

Pergunta, então, Aksakof:

“– Neste caso, depende a vossa vista das condições mediúnicas?”

Resposta:

“– De modo algum. Que podeis saber a tal respeito? Desde que eu veja a meu modo e para mim, é claro que de nada mais preciso; mas desde que eu queira, não apenas ver inteiramente como vedes a vosso modo, porém, dizer-vos ainda o que vejo, a coisa muda de figura...”

E o Sr. Aksakof adita à explicação da entidade os seguintes comentários:³

“As respostas do nosso interlocutor têm, como se vê, profundo senso filosófico.

Se, na verdade, ele pertence ao mundo dos *números*, de onde se vê as coisas do nosso mundo não tais como a nós se apresentam, mas como são em si mesmas, ele deve, conseqüentemente, vê-la *a seu modo*.

Mas, de vez que seja obrigado a ver a nosso modo, deverá entrar no mundo dos *fenômenos* e submeter-se às condições da nossa organização, pois tal é a idéia que fazemos do mundo.”

É isso mesmo. A mim me parece que as considerações que acabo de expender contêm uma explicação bastante para o enigma árduo que vamos examinando.

De fato, se chegássemos a nos convencer de que a personalidade integral subconsciente identifica-se com o Ego espiritual verdadeiro (e na verdade não sei qual a objeção que a isso se possa antepor), então, sendo *espiritual* a sua maneira de perceber, ela só poderia ser qualitativa e quantitativamente diferente da visão terrestre e, por conseguinte, inconcebível para os encarnados.

Daí a impossibilidade, para o Ego espiritual subconsciente, de transmitir à personalidade consciente os seus próprios conhecimentos sobre assunto terreno, sem os traduzir em percepções sensoriais terrenas.

E aí temos explicada a gênese e a razão de ser das *imagens pictográficas*, tais como se apresentam à visão dos clarividentes.

*

Desejando esgotar aqui o exame, em curso, da natureza da visão sonambúlica, importa abrir um parêntese para advertir que, se nas manifestações da clarividência, em geral, o suposto fenômeno da *visão direta* não existe, parece, contudo, que nelas se encontra o da *visão indireta por via dos centros ópticos*, mas, bem entendido, só numa classe de manifestações: a da *autoscopia interior*, que, naturalmente, nada tem a ver com a telestesia.

E o que nos leva a pensar assim são as declarações dos sensitivos clarividentes.

Uma sonâmbula do Doutor Comar, que localizara precisamente um alfinete embutido em seu próprio intestino, assim respondeu ao interrogatório do médico:

“P. – Como e de que maneira pode você ver o alfinete no seu intestino?”

R. – Eu não o sentia... antes – *estava em zona de anestesia* – tampouco o via, absolutamente. Logo que comecei a sentir, entrei a ver... Ora, no dia 17 de outubro (*foi justamente nessa data que ela me disse estar vendo o alfinete*), senti dores mais fortes, e foi também quando pude ver inteiramente o alfinete.

P. – Mas, você viu mesmo?

R. – Quero dizer que senti que tinha qualquer coisa lá no intestino. Então, *olhei no meu cérebro*, com os nervos de meus olhos, na região que, no meu cérebro, correspondia ao intestino, e vi *uma espécie de sombra sobre um véu, uma risca escura da forma de alfinete*; ao mesmo tempo em que o via no cérebro, sentia-o no ventre...”

(O Doutor Comar acrescenta: A visão era tão perfeita que a enferma desenhou uma dobra do intestino e indicou o ponto em que estava o alfinete. (*Imprensa Médica*, janeiro, 1903.)).

Nessa narrativa, a descrição da sonâmbula quanto à maneira pela qual viu o alfinete no intestino, *através do cérebro*, é tão circunstanciada, que não deixa a menor dúvida sobre a realidade da visão autoscópica.

Notemos, de passagem, o fato importantíssimo, que é o de nada ter visto enquanto durava a anestesia intestinal, o que vale por dizer que, em tais circunstâncias, não havia mais a *relação fluídica* mediante a qual seus nervos se tornavam capazes de transmitir, aos centros cerebrais correspondentes, a imagem e as sensações da zona intestinal.

Tudo isso nos parece muito significativo e dá ensanchas a reflexões importantes.

Entretanto, para não me desviar do assunto, deixo de as formular. E para concluir, relativamente ao fenômeno da *visão indireta por meio dos centros ópticos*, direi que todas as probabilidades são favoráveis à sua existência, mas limitando-a aos casos de *autoscopia interior*, nos quais concorre um sistema nervoso com inúmeras ramificações fibrilares, prontas a servirem de condutos fisiológicos entre um dado ponto do organismo, a

que se dirige o exame clarividente, e o centro cerebral correspondente ao mesmo ponto.

Tanto vale o dizer que a *visão sonambúlica indireta* não se pode exercer fora do campo limitado da organização individual.

*

Voltando aos fenômenos de telestesia e querendo encará-los em suas relações com outras formas de clarividência, é preciso notar a promiscuidade com que se realizam, geralmente, essas manifestações.

Encontramos, assim, fenômenos de telestesia combinados com outros de clarividência telepática no passado, no presente, no futuro; ou ainda com fenômenos de autoscopia e aloscopia, tudo sistematicamente articulado num conjunto que não permite descobrir qualquer solução de continuidade entre um e outro fenômeno, de maneira a tornar precário qualquer tentame demarcativo.

Ora, essas condições de manifestações seriam inexplicáveis, se não presumíssemos que os fenômenos em apreço constituem modalidades diferentes de uma faculdade sensorial e supranormal única, para a qual se propôs a denominação de *panestesia espiritual*.

Pretendeu-se definir assim uma faculdade que contivesse em si mesma todas as formas de percepções sensoriais terrestres e bom número de outras ainda ignoradas – faculdade que, completando os diversos órgãos sensoriais do corpo humano, se converteria em outros tantos sentidos especializados, efêmeros de si mesmos, posto que indispensáveis à existência encarnada.

Explicar-me-ei melhor por um exemplo:

Assim como o *fluido elétrico* se transforma ora em luz, ora em calor, ora em força, conforme os *órgãos mecânicos* nos quais o dirigimos, assim também a *panestesia espiritual*, compenetrando diversos órgãos do corpo, se transformaria, ora em visão, ora em olfação, ora em sensibilidade tátil e gustativa, conforme a estrutura anatômica dos órgãos sensibilizados.

Nada há de inverossímil em tudo isso e, por outro lado, em se adotando a hipótese da *panestesia espiritual*, teríamos resolvido muitos enigmas de outro modo inexplicáveis, entre os quais o concernente à promiscuidade dos fenômenos em apreço.

Seja, porém, como for, mesmo fora dessa hipótese, pode-se afirmar, relativamente aos fenômenos de telestesia e clarividência em geral, que eles atestam a existência na subconsciência humana, em estado latente, de faculdades supranormais maravilhosas, cuja gênese não pode depender da lei de seleção natural, o que levaria a mostrar que as faculdades em questão constituem os sentidos de antemão formados pela assistência espiritual, na expectativa de abrolhar e funcionar num ambiente espiritual, tal como no embrião os sentidos se encontram previamente formados, para abrolhar e funcionar no ambiente terrestre.

Conclusões análogas já foram formuladas de modo rigorosamente científico por Thomas Jay Hudson.

Eis como a respeito ele se exprime:

“Sujeitando a tese a uma forma nitidamente silogística, deveremos assim dispor as proposições:

Toda faculdade do espírito humano tem uma função a realizar, nesta ou na outra vida.

Encontram-se, no espírito humano, faculdades que nenhuma função exercem na vida terrena.

Daí se segue que, no espírito humano, há faculdades destinadas a exercer o seu papel em uma vida futura.

Nenhum homem de ciência poderia conceber a contestação de legitimidade da proposição maior, de natureza axiomática.

Por outro lado, todos quantos se hão familiarizado com as modernas investigações dos fenômenos psíquicos, não podem conceber, por um instante sequer, a contestação da proposição menor.

A só faculdade telepática bastaria para demonstrar a sua intangibilidade.

Sendo a premissa maior, tanto quanto a menor, verdadeiramente incontestáveis, segue-se, naturalmente, que o homem está reservado a outros destinos numa futura existência.”

Na minha opinião, essas conclusões de Thomas Jay Hudson, extraídas do seu silogismo, são de evidência lógica indiscutível e podem justificar, até certo ponto, a afirmativa do mesmo autor, de que a existência de faculdades clarividentes e telepáticas do subconsciente basta para provar a sobrevivência do espírito humano, sem que haja necessidade de recorrer às manifestações mediúnicas.

Até um certo ponto, disse eu, de vez que as provas cumulativas, tendentes a resolver o formidável problema da alma nunca são supérfluas nem demasiadas; além de que, nesse caso, umas constituem o necessário complemento das outras. **Fim**

Notas:

-
- ¹ À falta de outro termo, poder-se-ia traduzir “fustigamento”.
 - ² Embarcação de 10 toneladas, mais ou menos.
 - ³ Aksakof – *Animismo e Espiritismo*, pág. 146, 3^a ed. FEB. (N.E.)